



VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Orgão da Pia União e do Pão de S. Antonio.
e Boletim da Ordem Terceira de S. Francisco

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII,
por S. Em.ª o Cardinal Patriarcha de Lisboa, Cardinal Jacobini,
Rev.º Arcebispo Primaz,
Arcebispo d'Evora, Patriarcha das Indias, Arcebispo do Algarve,
Rev.º Padre Geral dos Franciscanos, etc.



BRAGA

Typ. de J. M. de Souza Cruz

102, R. Nova de Souza, 106

1897

CARTA A UM PORTUGUEZ NA ITALIA

SUMMARIO — A «Luz» a contos com a modidade catholica de Lisboa — Uma mentira trindade pelo Povo da Figueira — «Paiz» e «Luz», bellamente commentada pelo Procopio da «Palavra» — A «Luz» e S. Jorgé — Festas de espanto no asylo... de S. João com practicas assermoadas e sermão de lágrimas... Derrota dos frans-moços... em Palermo — Partidella de carne summa dos frans-moços em Sexta-feira Santa — Pseudo-patriotismo dos pedreiros Irmãos da Bracha — Uma fabula innocente da «Nações».

MEU CARO AMIGO:

A Luz anda cada vez mais desnortoadá; não ha convertel-a; cada numero que sahe a luz, são outras tantas centenas de disprates que expõe á admiracão das gentes, o fato com uma semceremonia realmente inaudita. Agora pegou-se ella com a Modidade Catholica de Lisboa, o quer á fina força sustentar que a denominação de catholica não pôde por fórma alguma quadrar á illustre Modidade lisboeta, visto que, diz ella, em Portugal todos são catholicos, inclusivé a tal *lustina* que blasona de catholica, apostolica, romana.

E' o solito ritornello e o estafado argumento a que se agarram todos os collegas da sobriedade enja. Não sabe a desequilibrada que um catholico, para o ser, devo respectar os Soberanos Pontifices, os Bispos, os Padres e os Religiosos; deve crêr e praticar o que a Igreja Catholica ensina e venerar o que ella abençoá. E' isso que faz a Luz, por exemplo? Qual historia! o que ella faz é insultar os Papas, escarnecer dos Bispos e arremetter contra os Padres e odiar do monte os Religiosos; o que ella faz é negar descaradamente o combater o dogma, e prógar doutrinas perversas e escandalosas. E provas, dirá o meu amigo? Provas? isso é quantas o meu amigo quizer. Basta pegar n'um dos numeros da Luz, seja elle qual fôr. Aquillo é heresia e blasphemia que ferve. Deus illumina a pobre, que hein precisa de luz.

— Tambem lhe deu na cabeça para botar o piche contra Varatojo. Diz ella que morreu lá um tal visconde, titular do Porto, succumbindo ao rigor do trabalho a que o sugêitaram depois de curado da demencia que o accomettera. Os bons Padres de Varatojo, quando souberem da mentira, não-de rir a bom rir, que o caso não é para menos. Ora imagine o meu amigo um doido a ir enurar-se em Varatojo!

Esta só da Luz? Sabe quem precisava de ir para lá o seu tempinho?

Eram os redactores da Luz. Uns oito diasitos de exorcizos, com duas praticas diarias sobre a morte, o juizo, o inferno e outras verdades parecidas. Está-me parecendo que era remedio para deixar limpas e escorreitas aquellas cabecinhas.

E note que a mentira não foi inventada pela Luz; a coitada nem sequer tem a honra da invenção, que pertence ao Povo da Figueira, transcripta depois pelo Paiz e que a Luz toda lampeira, fez sua e cozinhou a seu modo, temperando-a com o sal enosso da lavra d'ella.

A proposito do caso, commenta com pilhas de

graça Procopio, impagavel correspondente de Lisboa para a Palavra, depois de haver transcripto a local do Paiz:

«Fui sacar a parte limpa* informações sobre este horrendo caso, e colli o seguinte que é deveras grave: O Povo da Figueira foi rigorosamente bem informado. Ha, apenas uma differença; é que o seu informador, por certo amigo dos santos fransiscanos, lhe não disse a verdade toda».

«O titular foi realmente internado no Varatojo, porque os Frades vendo que tinham pouco em que gastar o tempo, resolveram crear um manicómio no seu convento, para fazer pirraça aos Irmãos de S. João de Deus, que se dedicam caridosamente áquelle mister. O tal titular entrou para lá, e, na verdade, in já sem tantas miuhocas na cabeça, porque o positivista, sur. dr. Julio de Mattos, lh'as tinha tirado no hospital do Conde Ferreira.

Os Frades ficaram alarmados, excommuniaram o doutor, e exorcizaram o doente, para lhe tirar o diabo do corpo, que o sur. Mattos lhe metterá. Parece que após alguns esforços, o inimigo do genero humano sempre se resolveu a sahir. Então os Frades impuzeram como penitencia ao tal titular que todos os dias, pé descalço e enxada na mão, fosse plantar batatas na cerca do convento. Succedeu porém que como o titular era de constituição franzina, o excesso do trabalho o matou. Os Frades, almas damnadas, ainda depois de morto o não deixaram em paz. (As informações seguintes são as mais importantes, e para ellas chamo a attenção dos leitores, bem como do Povo da Figueira e do Paiz. Morto o titular, os Frades, em vez de o mandarem enterrar como a caridade e a hygiene aconselhavam, compraram uma salgadeira, salgaram-no bem salgadinho, e, uma semana depois, o titular era vendido como carne de porco aos moradores de Torres Vedras, que fica a tres kilometros do convento).

«Parece que não é este o primeiro desgraçado que tem tão mafina sorte. Ser vivo que cae no convento, e que, portas a dentro, d'elle passa para melhor vida, é salgado e vendido como carne de porco. Diz-se até, e, se for preciso, prova-se, que os Frades tem enriquecido com este trafico de carne humana.

«A's auctoridades peço providencias. Para crime tão nefando, aconselho a pena de Tábão. Matem-se todos os Frades, salguem-se e vendam-se nas praças publicas como bons suínos.

«O Paiz, a proposito do caso, faz sensatas considerações. Diz, entre outras cousas dignas de serem trombeteadas em todo o paiz, o seguinte:

«A monarchia, mais fraca e mais perdida do que nunca, arrimou-se aos jesuitas como a uma taboa de salvacão e não consente em abandonal-os.

«Só um novo regimen pôde por conseguinte acabar com elles; uma razão a mais para que esse regimen se implante.

«Tens razão, Alves Correia; só a republica pôde acabar com esses abominaveis crimes. Só ella é capaz de mandar fechar esses terriveis conventos.

«Viva, pois, a republica!
«E viva tambem a tua maluqueira
«E a do Povo da Figueira».

Chama-se isto uma troça em forma, que elles, coitados, aguentaram sem fugir nem mugir, com

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

Um centenario glorioso.

- I Parte — SECÇÃO DOCTRINAL: Ordem Terceira: Mensagem enviada a S. Santidade Leão XIII pelo Definitorio da V. Ordem Terceira de S. Francisco da cidade de Braga — Resposta de S. Santidade — *No estrangeiro*: Italia — Hespanha — França — Malta — Santo protector para o mez de agosto — Indulgencias.
- II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Vida de Santa Rosa de Viterbo (*continuação*) — Pensamentos — Anecdotas.
- III Parte — LEITURAS AMENAS: Setimo, não furtar.
- IV Parte — CULTO DE SANTO ANTONIO: *Pelo paiz*: Membros da Pia União — Braga — Lisboa — Setubal — Porto d'Ave — Villar — Açores — Festejos em varios pontos do paiz — *Estrangeiro*: Italia — França.
- V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O Homem (*continuação*) — *Poesia*: Santa Maria de Belem — As nossas illustrações.
- VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL: *Varia*.
Gravuras: Vista interior da basilica de S. Francisco em Assis por sobre o sepulchro do mesmo Seraphico Patriarcha — Jesus em pranto — Grandiosa abside e cruzeiro da basilica superior de S. Francisco em Assis.

UM CENTENARIO GLORIOSO



DO JESUITA Padre Antonio Vieira.

E' um nome que enche Portugal e o dilata além dos mares e das estreitas fronteiras que encerram este paiz brioso e de honrosas tradições.

Nem todos os homens que deixaram nome são dignos de que elle se commemore.

Nem todos os homens que uma vez prestaram serviços á Patria teem jus a que ella grave seus nomes no frontão de gloria que os mais illustres filhos lhe levantaram.

Mais raros são ainda os homens que por seus feitos mereceram não ser nunca esquecidos da posteridade e cuja memoria deva avivar-se, embora

de longe em longe. Porque o reviver d'essa memoria equivale a fazer nascer de novo um sol impolluto que ha muito se puzera, e de cujos salutaes effeitos se sentia dolórosamente a falta.

Mas não é ao Padre Antonio Vieira que escasseiam os titulos que lhe conferem o direito a que a Patria vá, com o buril da gratidão, reabrir os caracteres do nome que uma vez, e para sempre, ella havia gravado n'esse marmore incorruptivel que se chama — a justa admiração dos povos — tributada a quem d'ella é crédor.

Vieira é, pois, digno d'um centenario como Camões, como Vasco da Gama.

Se Camões cantou os feitos das *armas e barões assignalados*, Vieira é auctor de outros feitos que rivalisam com os cantados por Camões.

Se Vasco da Gama descobriu continentes, Vieira civilisou povos, evan-

gelisou-os. Qual d'ellas é mais gloriosa tarefa? A quem bemdirão mais os povos? Ao descobridor que os avassala e lhes leva, como tributo, o ouro das suas minas e a riqueza das suas terras, ou ao missionario, que, sobre deixar-lhes tudo isso, os ensina a ser felizes e os põe de posse d'um novo reino que elles não conheciam?

Por isso, se a Patria que deu a Vasco da Gama uma armada, o honra porque elle dilatou o seu territorio, a Patria, que embarcou Vieira n'um simples navio, o glorifica, porque dilatou a sua fé. E então a cubiça de longinquas terras para a bandeira das Quinas era o desejo da conquista de novas almas para a bandeira da Cruz.

A fecundidade de Vieira produziu a fecundidade de motivos a que attendeu Portugal para o julgar digno de celebrar o seu centenario.

Vieira não foi sómente um missionario ardente, intrepido, incançavel: foi patriota de primeira ordem, inexcedivel no amor ao paiz que lhe foi berço. Os estrangeiros, avidos das glórias de Portugal, das suas riquezas e da sua posição geographica, tiveram ensejo de experimentar o valor patrio de Vieira.

Mas foi mais ainda: foi mestre da lingua. E burilar a lingua d'um povo, não é menos glorioso, senão muito mais nobre, do que imprimir no bronze ou no marmore as façanhas do seu braço, ou dar expansão ao genio guerreiro, brandindo a espada, que derruba corpos, mas não illustra intelligencias, nem infunde civilisação.

Aperfeiçoar um idioma é cultivar o dote mais nobre do homem, é abrir a primeira fonte de riqueza d'uma nação, é arvorar o padrão mais autentico da sua independencia.

Portanto, se nos fosse licito suggerir onde os que fallam a lingua que Vieira poliu, deveriam erguer-lhe o testemunho da sua gratidão, diriamos francamente — não longe de Camões — perto de Vasco da Gama — ao lado de Francisco Xavier.

Seria de mais? Quem a muitos é semelhante de todos anda perto. Ou não é a similhaça razão da união?

Não se falla agora de Francisco Xavier, mas trata-se de Vasco da Gama que descobriu a India de cuja historia o maior capitulo é o escripto por aquelle Apostolo. Trata-se de Vieira que no Maranhão arvorou a Cruz que Francisco Xavier plantou nas Indias.

Não queremos, porém, comparando Vieira a S. Francisco Xavier, coroa-lo da aureola da santidade. Deveu ter virtude, e muita, mas não foi santo. Pagou o seu tributo á fallibilidade a que vai sujeito todo o homem, mas nem por isso mingúa o vulto gigante que o representa e o fez sobresahir entre os mais eminentes do seu tempo, tanto em Portugal como fóra d'elle.

E' por isso que as homenagens prestadas ao Padre Antonio Vieira, assim em Portugal como no Brazil, nas nossas colonias e por onde quer que a nossa lingua e a nossa historia tem admiradores sinceros, que tantos devem ser, quantos as conhecem, não pôdem parecer estranhas, nem julgadas menos opportunas.

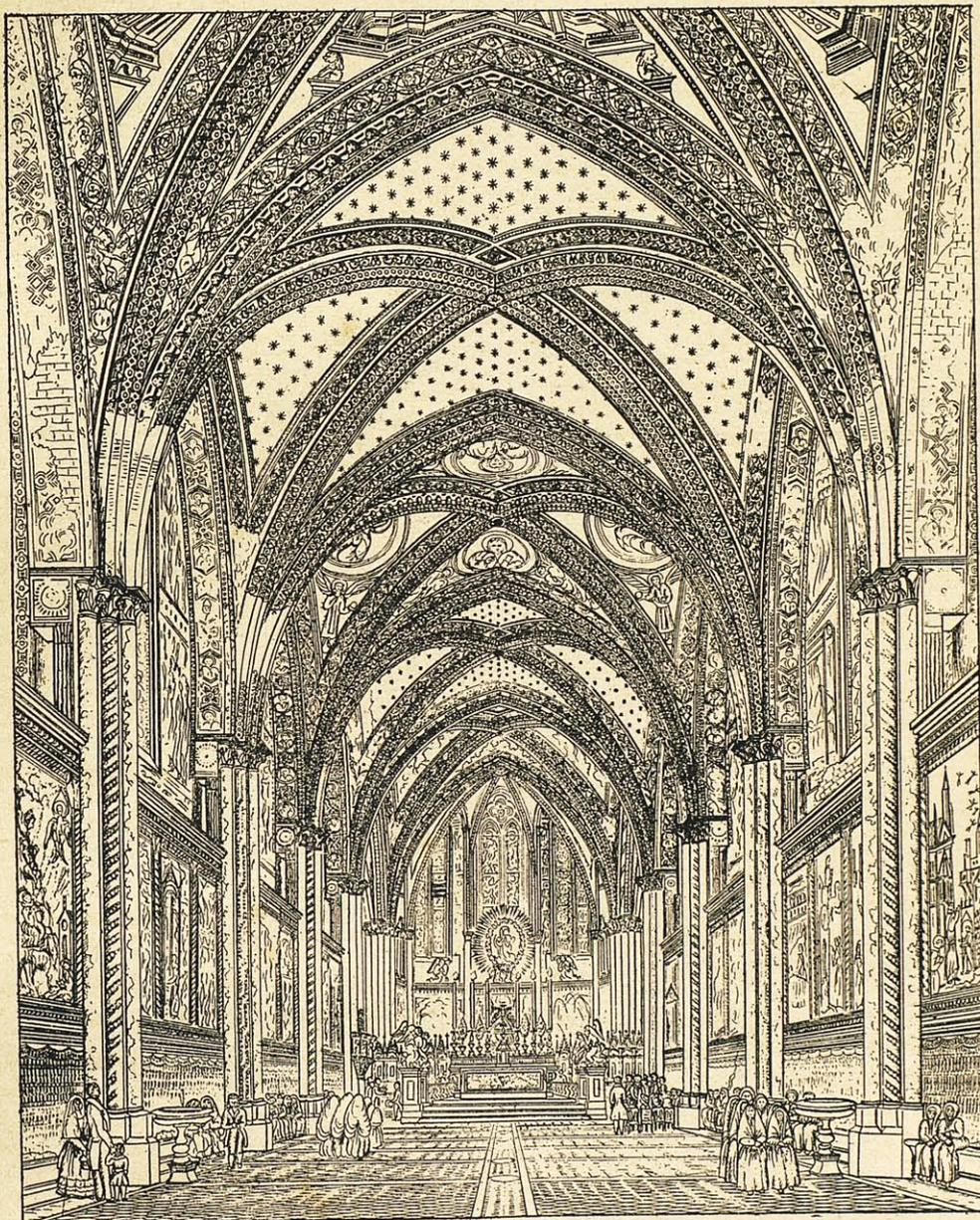
Temos a consolação de vêr recensados na commissão que tomou a seu cargo a commemoração centenaria de Vieira, homens que merecem a estima de quantos conhecem os seus talentos, e que optimamente souberam comprehender qual foi a missão de Vieira e justamente a interpretaram no pro-

gramma que elaboraram para o festejar.

A elles a nossa admiração e o nosso agradecimento.

mos mesquinhos e apoucados procuraram entibiar e empecer os esforços nobres da illustre commissão.

Só nos resta felicitar quem n'esta



VISTA DO INTERIOR DA BASILICA DE S. FRANCISCO EM ASSIS POR SOBRE O SEPULCHRO DO MESMO SERAPHICO PATRIARCHA

Porque só homens de boa vontade e conscios d'um dever sagrado é que tinham forças e energias para arcar contra os mil obstaculos com que ani-

occasião mais se orgulha com as festas em honra do Padre Antonio Vieira. E' a benemerita Companhia de Jesus. Ninguem ignora que Vieira foi Je-

suita, e que amava do coração o Instituto que professára. Por isso a homenagem a Vieira seja também um preito de gratidão e um endereço de parabens á illustre Companhia de Jesus por haver acolhido em seu seio um filho que tão distinctamente soube educar para gloria sua e honra de Portugal.

E seja também esta a homenagem que prestamos ao vulto colossal do grande Padre Antonio Vieira, na impossibilidade de lhe consagrarmos um numero especial.



Ordem Terceira

Mensagem enviada a S. Santidade Leão XIII pelo Definitório da V. Ordem Terceira de S. Francisco da cidade de Braga, por occasião do 25.º anniversario da profissão do Augusto Pontífice na Ordem Terceira da Penitencia.



COMPANHANDO com intima sympathia o movimento do mundo catholico sempre que uma data de Vossa vida gloriosissima dá ensejo a commemorações solemnes, que mais o são pela espontanea alegria que despertam no coração de Vossos filhos, a Ordem Terceira de S. Francisco da cidade de Braga celebrou, como melhor pôde, tão modesta como sinceramente, o 25.º augusto anniversario da profissão de Vossa Santidade na Ordem Terceira da Penitencia, com uma novena e *Te-Deum*, precedido de numerosas communhões, fazendo-se n'essa occasião uma collecta para o Dinheiro de S. Pedro, a qual será entregue juntamente com a d'este arcebispado, e vem depôr aos pés de Vossa Santidade, implorando a graça de uma benção Apostolica, as respeitosas homenagens do seu amor filial e protestar sua

BEATISSIMO PADRE :

adhesão firmissima á cadeira de S. Pedro, que Vossa Santidade occupa com tanta gloria e universal admiração.

Braga, 13 de junho de 1897.

O COMMISSARIO — P.^o José Maria de Souza
 O MINISTRO — José Fernandes Valença
 VICE-MINISTRO — P.^o Manoel M. d'Aguiar
 MINISTRO DO CULTO — P.^o Luiz Gomes da Silva
 SECRETARIO — Joaquim Eduardo de Menezes
 MESTRE DE NOVIÇOS — Bento Gonçalves dos Santos
 THESOUREIRO — José Antonio da S. Lomar
 VOGAES — Manoel A. Ayres d'Oliveira
 — Bernardo J. F. Carneiro
 — Domingos P. d'Azevedo
 — João Baptista Lopes.

*

EMINENTISSIMO SENHOR :

O Definitório da Ordem 3.^a da Penitencia da cidade de Braga (Portugal), havendo solemnizado como melhor pôde o 25.º anniversario da profissão de Sua Santidade o Papa Leão XIII, na Ordem 3.^a Franciscana, resolveu mandar-lhe a inclusa humilde mensagem, significativa do seu muito amor e sincera adhesão á cadeira de S. Pedro. Vem pois, rogar muito de mercê a Vossa Eminencia a graça de se dignar apresental-a a Sua Santidade, motivo porque este Definitório se confessará summamente reconhecido para com Vossa Eminencia, a quem deseja as mais amplas venturas.

Braga, 13 de Junho de 1897.

Em.^{mo} Snr. Cardeal Rampolla, Secretario d'Estado de S. S. Leão XIII.

O COMMISSARIO — P.^o José Maria de Souza
 O MINISTRO — José Fernandes Valença.



Sua Santidade dignou-se responder :

Ill.^{mo} Snr.

Foram gratissimos ao Santo Padre os sentimentos expressados pelos Terceiros Franciscanos d'essa cidade e as orações por elles feitas pela conservação de Sua Santidade. Em recompensa o Augusto Pontífice faz sinceros votos para que sempre cresça nos associados á Terceira Ordem o fervor na piedade e zelo no cumprimento dos deveres annexos á sua profissão. Para este fim concede a todos, do intimo do coração, a benção apostolica.

Protestando-lhe os sentimentos de minha estima me confesso
Roma, 28 de junho de 1897.

Rev.º P.º José Maria de Souza, Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco — Braga.

De V. Paternidade Reverendissima
Affectuosissimo em Nosso Senhor

M., CARDEAL *Rampolla*.



No estrangeiro

O jubileu franciscano de Leão XIII — Muito animadoras as noticias que ácerca d'elle nos transmittem os periodicos catholicos de todo o mundo:

ITALIA

Em Scutari d'Albania — Houve novena solemniissima segundo as intenções do Summo Pontifice. Rematada a novena foi distribuida a communhão geral pelo Ex.º e Rev.º Sr. Guerini, Arcebispo e fervoroso terceiro, que tambem cantou a missa. Afóra a immensa multidão que acodiou á festa, orçava por 275 o numero de terceiros que estavam presentes, e 750 o de terceiras.

Genova — Não ficou inferior a *Scutari*. A egreja de Santa Catharina, diz *L'Oriente Serafico*, estava apinhada de gente. Apoz uma faustosa solemnidade em honra de S. Santidade, os religiosos franciscanos procederam á iniciação de 200 postulantes na Veneravel Ordem Terceira, muitos dos quaes distinctos pela sua posição social.

Verona — Testemunhou com não menos calor o seu enthusiasmo. A vasta egreja de S. Bernardino esteve litteralmente cheia durante um triduo solemniissimo.

O dia da festa foi abrilhantado com a presenca de S. Ex.ª Rev.ª e Sr. Bispo Bacellieri que evidenciou eloquentemente a necessidade de retornar aos tempos de fé, por via da regra da Veneravel Ordem Terceira.

Cagliari — Aqui foi o mesmo Ex.º e Rev.º Serci, digno ornamento do episcopado italiano, o iniciador das festas jubilares do Summo Pontifice. Depois de convidar o publico religioso a assistir á solemnidade dirigida pelos religiosos franciscanos, elle mesmo se dignou de presidir a uma Academia litterario-musical, dirigida pelos Padres Franciscanos.

Por sobre a porta da Egreja de S. Rosalin, lia-se:

XXX maio MDCCCXCVII. Como selemne recordação, do faustosissimo dia XXX maio MDCCCLXXII, no qual *Leão XIII*, com fé animosa e intenção magnanima, potente para renovar na Egreja os milagres da humildade Franciscana, no êrmo Alver-

ne, peregrino, sobre a insignia cardinalicia, invocou a inspiração e o habito da 3.ª Ordem, confessando-se filho amantissimo, propagador indefesso. Os filhos do Patriarcha d'Assis, festejando-lhe o vigesimo quinto anniversario, enviam no meio de benções, sinceros augurios de prosperidade, encendrados votos d'amor.

HESPAÑA

D'entre as muitas festividades promovidas pelos Terceiros Franciscanos de toda a nação visinha avultam particularmente as de Santiago e Pamplona, e sobretudo a imponente peregrinação de mais de 13:000 Terceiros a Bermeu, em publico testimonho de veneração ao illustre Terceiro franciscano, o Papa Leão XIII.

FRANÇA

Os Terceiros da Provincia da França e de S. Luiz d'Anjou — enviaram ao Papa a seguinte mensagem que nós transcrevemos para edificação dos Terceiros portuguezes:

«Santissimo Padre: Humildemente prostrados aos pés de Vossa Santidade, os Terceiros Franciscanos sujeitos á obediencia dos Frades Menores das Provincias de França e de S. Luiz d'Anjou, são felizes, por Vos offerecer na occasião do xxv anniversario da Vossa entrada na Terceira Ordem de S. Francisco, a homenagem de suas mais fervorosas orações e ardentes votos. Dignae-Vos accetar-lhes, Santissimo Padre, os sentimentos de profunda veneração, de piedade filial, de sujeição inviolavel e d'inteira obediencia a Vossos ensinamentos e direcção. Animados pelos actos solemnes com que Vossa Santidade recommenda a Terceira Ordem como meio efficaz de santificação pessoal e regeneração social, elles Vos renovam a promessa de fidelidade á Regra d'esta instituição, tão eminentemente propria para diffundir entre elles e na sociedade o reino de Nosso Senhor Jesus Christo. Rogam a S. Luiz d'Anjou, o angelico Bispo de Tolosa e uma das glorias mais puras da Ordem Seraphica de que proximamente hão de celebrar o sexto centenário, se digne de offerecer a Deus as suas filiaes supplicas para que Vós, Santissimo Padre, sejaes ainda por muito tempo, o piloto da Santa Egreja, a honra da Ordem Seraphica e o lume da França. Confidados na Vossa paternal bondade, os Vossos humildes filhos Vos sollicitam, Santissimo Padre, a Vossa Santa Benção.

Em nome dos Terceiros das Provincias de França e de S. Luiz d'Anjou, *Fr. Othon, Min. Prov. de S. Luiz d'Anjou. Fr. Arsenio, Min. Prov. de França.*

Os RR Padres Franciscanos Capuchinhos de Bayona — Celebraram o 25.º anniversario da entrada do Summo Pontifice Leão XIII na Veneravel Ordem Terceira, com uma imponente peregrinação a Lourdes de mais de 3:000 Terceiros Franciscanos.

MALTA

Apoz solemniissima novena e peregrinação, o Director dos Terceiros d'esta ilha mandava ao Summo Pontifice este telegramma:

«Terceiros Franciscanos Observantes, celebra da publica novena, solemne peregrinação, Jubileu Franciscano S. S. fazem votos ardentes, implorand o benção Apostolica.

Director».

Momentos depois o S. Padre respondia :

«Director Terceiros Men. Obs. — Valleta, Malta — Santo Padre fica sciente enviado telegramma, agradece concedendo do coração implorada benção.

Cardeal Rampolla».

Audiencia Pontificia — No dia 16 de junho foi recebido em audiencia particular pelo Summo Pontifice o Rev.^{mo} P. Geral dos Franciscanos, que depoz aos pés de Sua Santidade uma lindissima offerta em nome dos Terceiros Franciscanos de todo o mundo, como recordação eterna do Jubileu Franciscano de S. Santidade.

A peregrinação a Padua dos Terceiros de Verona e Veneza e o Summo Pontifice — Prova eloquente do quanto amam o Supremo Pastor da Igreja os Terceiros Italianos foi essa peregrinação. Reza assim o telegramma que elles lhe enviaram de Padua :

Roma — Vaticano

«2:000 Terceiros Franciscanos de Verona e Veneza peregrinando tumulo de S. Antonio xxv anniversario aggregação Sua Santidade Terceira Ordem, protestam sentimentos devoção obediencia, imploram Benção.

P. Antonio Pres. Com.»

Bibliographia da Veneravel Ordem Terceira — Para secundar os desejos do Summo Pontifice expressos na sua Encyclica *Auspicato*, os PP. Franciscanos da Provincia de S. Bernardino da França publicaram uma nova revista que vem engrossar as fileiras das muitas que são dedicadas á propagação da V. O. Terceira; chama-se ella *Le Tiers Ordre Franciscain*.

— O mesmo fizeram os Franciscanos da Croacia publicando o *Ruzienjak svetoga Franje Serafsdoga* (*Rosal de S. Francisco*).

— Em *Bruges* (França) sahiu ha pouco a lume o precioso opusculo *Leon XIII e Le Tiers Ordre*, que encerra os principaes feitos do Pontifice reinante para com a V. O. Terceira.

A reforma social pela V. O. Terceira — São palavras do grande Pontifice que actualmente nos rege: «Esta reforma social de que o mundo conhece a necessidade e que nenhum legislador politico póde effectuar, poderá obter-se por meio da Ordem Franciscana. E quando fallo da reforma social, quero assinalar tambem a Terceira Ordem de S. Francisco».



Santo Protector para o mez d'agosto

S. Luiz d'Anjou da 1.^a Ordem — E' uma das glorias mais altas da Religião Seraphica. Era filho de Carlos II, rei de Napoles, e parente de S. Luiz, rei de França, e de Santa Izabel, Rainha da Hungria. Havendo seu pae ficado vencido pelo rei de Aragão, Luiz com seus irmãos tiveram de ficar em Barcelona prisioneiros. Aqui recebeu o Santo esmerada educação dos religiosos franciscanos.

Estabelecida a paz, renunciou o throno para envergar o burel franciscano. Mal havia dado cobro a seus desejos, quando, forçado por Bonifacio VIII, teve que assumir o governo do bispado de Tolosa. A sua vida foi um abraço divino da humildade e da pobreza, com a castidade e caridade. Sua morte, foi um doce somno, um osculo d'amor com o seu Deus.

Absolvição Geral

No dia 12 — Santa Clara, da 2.^a Ordem.

15 — Festa d'Assumpção da Santissima Virgem.

Benção Papal

No dia 25 — S. Luiz, rei de França, da 3.^a Ordem.

Indulgencias

Plenarias :

No dia 2 — Dedicção da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos. ¹

12 — Santa Clara, da 2.^a Ordem.

13 — O Beato Pedro de Molcano, da 1.^a Ordem.

14 — O Beato Santos de Monte Fabro, da 1.^a Ordem.

15 — Assumpção da Santissima Virgem.

16 — S. Roque, da 3.^a Ordem.

18 — Beata Clara de Monte Falco, da 3.^a Ordem.

19 — S. Luiz d'Anjou, da 1.^a Ordem.

25 — S. Luiz, rei de França, da 3.^a Ordem.

Parciaes :

Nos dias 1, 7, 8, 14, 15, 21, 22, 28, 29, indulgencia de 198 annos e outras tantas quarentenas.

Nos dias 6, 13, 20, 27, 300 dias de indulgencia.

Nos dias acima apontados de santo ou santa de qualquer das tres Ordens franciscanas, 256 annos e 50 quarentenas.

Virtude a imitar

Desprezo do mundo e de suas vaidades, e amor a Jesus Christo e á sua Cruz.

Maxima de S. Francisco

Quando eu considero nos bens que Deus me reserva, todo o trabalho me é divertimento.



¹ Sobre o modo de ganhar esta indulgencia que vulgarmente se chama da *Porcinucula*, vêde a *Voz de S. Antonio* do presente anno, a pagina 163.



SECÇÃO HISTORICA



SANTA ROSA DE VITERBO

TERCEIRA FRANCISCANA

Sua vida e epoca, por L. de KERVAL

(Tradução)

(Continuação do n.º 6)

CAPITULO I

Nascimento e infancia de Santa Rosa (1235-1238)



SAIXANDO Roma e seguindo ao noroeste, transposta a solidão austera da campina romana e o lago Bracciano, tão pittoresco com o castello¹ e a pequena cidade que o dominam e se remiram no azul de suas aguas, interna-se o viajor n'uma região montuosa, semeada de bosques, cortada por toda a parte de profundas ruínas. E' a antiga Etruria.

Lá, a 65 kilometros da cidade eterna, ás raizes ou, pelo menos, aos primeiros pendores dos montes Cimini,² longa cadeia de collinas vestidas de mattos e coroadas de florestas, em meio de graciosa e fertil campina, em face d'immenso horisonte a rasgar-se para o mar, se distende a cidade de Viterbo.³

Sua origem é inda um mysterio, e bem escuro.

A dar fé a asserções phantasticas de

¹ Construido no seculo 15.º pelos Orsini.

E', com suas torres e fortificações, um perfeito specimen das fortalezas da idade media. Diz-se que, sobre todas as demais velhas ruínas, era a admiração d'Walter Scott.

² Os montes Cimini, na infancia da historia romana foram havidos como o ponto mais intransitavel da Etruria central, até que o consul C. Fabio os transpoz provocando os Etruscos, ao anno 308 antes de Christo.

O desfiladeiro que venceram mede 868 metros sobre o nivel do mar.

³ A 354 metros acima do nivel do mediterraneo.

certos escriptores, perde-se na noite dos tempos, remonta bem seculos para além da fundação de Roma. As lucubrações, porém, da erudição e critica modernas incumbiram-se d'arbitrar a verdade de taes fabulas e hypotheses.

O que apenas remanece historicamente averiguado é que, por meados do seculo 8.º, na summidade da collina onde hoje se ergue sublime a cathedral de S. Lourenço, existia um antigo *castellum* denominado *Castrum Viterbii*.

A importancia de sua posição, afóra a *via Cassia* que leva de Roma a Florença, prendera a attenção de Didier, rei dos Lombardos, quando em guerra com os romanos. Edificou ahi uma fortaleza para base de suas operações militares. D'então datam, em verdade, os primeiros desenvolvimentos da cidade e seu nome politico.

Em 774, tendo Carlos Magno vencido Didier, fez doação de Viterbo ao Soberano Pontífice. Na epoca das guerras de Frederico Barbaroxa e de Frederico II contra a Santa Sé, foi sujeita quando aos Papas, quando aos Cesares germanicos, ora aos Guelfos, ora aos Gibelinos.

Como *Communa*, gosava outr'ora de certas immunidades e privilegios; era uma das mais ricas e mais florescentes cidades dos Estados Pontificios.

No começo do seculo 13.º orçavam, dizem, por 60:000 seus habitantes e por 20:000 os aptos para pegar em armas.

Conserva actualmente ainda suas velhas muralhas, e bom numero de casas e de ruas da idade media. Possui importantes monumentos: Cathedral de S. Lourenço, egrejas de S. Francisco, S. Sixto, S. João *in Zoccoli*, a fortaleza da Rocca, palacios do Bispo, da *Communa*, dos Alexandres, dos Farnèse... Fizeram-se n'ella diversos conclaves; dormem ahi o somno derradeiro 4 Papas — Alexandre VI, Clemente VI, Adriano V e João XXI.¹

O que sobre tudo, porém, tem tornado

¹ Alexandre VI e João XXI, foram sepultados na Cathedral. O tumulo de João XXI ainda ahi se conserva; desconhece-se, porém, o local do de Alexandre VI, em razão de varias modificações que tem soffrido as naves lateraes.

Adriano V jaz em S. Francisco. N'esta egreja é igualmente desde 1885 o tumulo de Clemente VI. Este acto então fora na bella egreja de Santa Muaria di Gradi,...

illustre seu nome, realçado sua gloria, é a memoria e o tumulo da Santa, cuja historia escrevemos.

Veio ao mundo por 1275, no pontificado de Gregorio IX. Não chegou até nós a data exacta de seu nascimento, e infructuosos teem sido todos os desvelos empenhados em encontral-a.

Uma tradição diz que foi em dia de primavera.

Sobre seus paes quasi nada nos transmittiram os chronistas.

Do *processo de sua canonisação* sabemos que seu pae se chamava João, e Catharina sua mãe; ignoramos, porém, os appellidos de sua familia.¹

Procedentes do povo e quasi reduzidos á miseria,² serviam, como criados, os religiosos d'um convento que ficava proximo.³ Sendo já d'avançada idade e ainda sem um unico fructo de benção⁴ lhes enviou o céo, como outr'ora a Zacharias e a Izabel, esta menina que, a exemplo do precursor de Christo, devia prégar penitencia ás multidões e fazer estremecer os tyrannos.

Mostra-se ainda em Viterbo o local onde habitavam, na parochia de Santa Maria in Poggio.⁵

Era uma humilde casinha contigua ao convento de Santa Maria da Ordem das *Senhoras Pobres* e cerca do local onde de 1230-1243 Frederico II fez levantar um vasto e solido palacio.⁶ Tel-a-hiam por sem duvida desmoronado por completo a baionetadas os tenentes e soldados do Cesar germanico, se alguem então lhes predicesse,

que alli tão junto d'elles crescia uma humilde filha do povo, que tinha por missão providencial supplantar o seu Senhor, solevar contra elle as multidões e desfechar á sua arrogancia um golpe mortal.

Baptizaram-n'a logo, logo em continente ao seu nascimento. Nem convinha em maneira alguma que a treva do peccado original esmorecesse por longo tempo o brilho d'esta flôr primaveral que devia com sua virginal frescura fascinar os divinos olhos e embalsamar a terra de seus inebriantes e suaves perfumes.

Deram-lhe o nome de *Rosa*, quer por que tivesse nascido no 4.º domingo da Quaresma, designado pela liturgia e pelo povo, n'essa epoca, com o nome de *Dominga da Rosa*,¹ quer porque então começassem de desabrochar as rosas pelas planicies da Italia.

Graciosas tradições nos transmittiram de longas eras² os habitantes de Viterbo que bem futuravam, desde a aurora de sua existencia, a santidade que prestes culminaria. Nem uma unica vez tomou o leito de sua mãe; nunca se lhe ouviu um vagido, um suspiro; nunca chorou como ás demais criancinhas de berço. Para um melhor uso, escreve a este proposito um auctor pio, guardava suas lagrimas.³ Seu rosto era sempre cheio de calma e doçura; seu olhar soberanamente fito no céo deixava desde logo entrever reflexos d'intelligencia e esplendores de celeste amor. Não é jamais indecisa quanto a seus actos, como teremos ensejo de a maravilhar no precurso d'esta historia, prova evidente de que Deus lhe anticipára a luz da razão.⁴

Seus paes eram bem dignos do thesoiro que o céo lhes confiára. Eram bons e firmes christãos, honestos e fervorosos catholicos. *Ex patre et matre catholicis et christianissimis oriunda*, lê-se no *processo de sua canonisação*.

Empenhariam, logo, quanto havia inspirar-lhes a fé e o amor em encaminhar esta menina pelas veredas dos alevantados des-

¹ *Oriunda fuit miraculose ex patre Johanne et Catarina matre.* (Acta proc. can., testim.).

² Acta proc. can., (testim. 4.) Coretini, a quem P. Papebroch qualificou, não sem razão, de *parvae fidei scriptor*, suppóz, contra toda a probabilidade, que seu pae procedia de familia *nobre*. Esta supposição carece de todo o fundamento e é absolutamente contraria a todos os documentos e tradições.

³ A maior parte dos biographos tem repetido, sobre a fé de Caretini, que este mosteiro se chamava então de *Nossa Senhora das Rosas*; porém nem documento algum d'aquella epoca, nem bulla pontificia lhe attribue este titulo, mas simplesmente o nomeavam nos documentos, «mosteiro de Santa Maria de Viterbo».

⁴ Acta proc., can., (testim.)

⁵ Vê-se ahi uma pedra com esta inscripção: «Casa onde nasceu, viveu e morreu Santa Rosa»...

⁶ Acta proc. can. (testim.) Dom. Contutii, rectoris eccles. S. Angel, Giannelli. *Sanct Rosa Viterb., hist.*, lib., I, cap. IV. Cesare Pinzi, *Storia della citta id Viterbo*. lib. IV cap. I.

¹ Tal denominação vem porventura de que n'este dia em Roma soe o Papa benzer uma rosa d'oiro destinada a uma princeza catholica, ou a qualquer outra pessoa illustre, que a haja merecido da Santa Sé.

² Acta proc. can., (testim.)

³ RINALDI, *Vita dell'ammirabile S. Rosa*, lib. 1, cap. 1.

⁴ *In ejus pueritia senilem habens sapientiam.* — (Acta proc. can., exposit proband.)

tinios para que parecia havel-a predeterminado a graça e a natureza. Era delicias o vê-la aprender a pronunciar os nomes dulcissimos de Jesus e Maria; que seus paes grandemente se desvelavam porque fossem estas as suas primeiras palavras. Contava apenas duas primaveras quando começaram d'ensinar-lhe com extremada solicitude as verdades eternas.

Verdade seja, que não careceram de grandes esforços para fazel-a caminhar a longos passos pelas sendas da piedade e da virtude, que a santa menina gostos não os tinha senão para coisas de Deus. Em vez de recrear-se como as demais creanças de sua idade, passava a maior parte do tempo diante das imagens dos santos que ornavam as paredes do ninho paterno. O objecto, porém, sobretudo, de sua veneração e filial confiança era a Virgem Maria.

Apenas começou de andar, só achava prazer em correr para a igreja. Remanescia n'ella longas horas, em joelhos, em postura tão modesta e tão recolhida, que punha pasmo e edificação a quantos a viam. As ceremonias religiosas impressionavam grandemente, profundamente, seu innocente coração. A palavra divina, para quem parecia ser toda ouvidos e toda olhos, enternecia-a vivamente, e lhe encendia a alma n'uma especie d'extase.

Em voltando a sua humilde vivenda, repetia os mais longos discursos imitando e reproduzindo o accionado e gestos do prégador com tanta naturalidade, convicção e fogo, que fascinava, enternecia e não raro ganhava para Deus as pessoas que a escutavam. Era assim que ella preludiava, bem longe de o entrever, o seu futuro apostolado.

Até as avesinhas reconheciam a sua innocencia e candura, e lhe eram submissas. Apenas a presentiam voavam de todas as partes a festejal-a com seus lindos gorgeios. A gemebunda rola, sobretudo, tinha suas delicias em voltear em torno da nossa bem-dita donzellinha. Poisavam-se-lhe familiarmente sobre as mãos; prodigalisavam-lhe seus meigos donaires; tiravam-lhe dos vestidos com os seus lindos bicos, batendo as azas, para que lhes desse migalhas de pão, consoante havia de costume.¹

Parece que Deus só cuida em constituir Rosa, desde tão verdes annos, alvo á admiração de seus concidadãos; acaso para que não haja mais tarde duvidar da origem e auctoridade de sua missão, tornêa-lhe a infancia d'uma aureola de prodigios por ventura sem exemplo na vida dos demais santos.

O prodigio que segue e vem narrado na biographia inserida no *processo de sua canonisação* e nas lições do *Breviario Franciscano*, é de sobra para justificar esta reflexão.²

Após uma curta doença, fallecera uma sua tia. Decorrera mais de um dia e os parentes e amigos ainda em torno do

leito onde jazia o cadaver, não cessando já-mais de seus gritos e gemidos...

Soára a hora d'introduzill-o no caixão; então a santa donzellinha, cuja dôr se revelára quasi immensa, pôz termo a seu pranto, a suas lagrimas... Como que su-



JESUS EM PRANTO

¹ Acta proc. can., vita.

² Acta proc. can., vita. BREV. ROM. SERAPH. a Pio VI, approb. (4 de setembro, lições de matinas), OFFICIO PROPRIO concedido em 1743 á diocese de Viterbo, lições.

bita e divinamente inspirada cae em joelhos, ergue as mãos ao céo, e cicia ao Senhor uma prece ardente, como a d'um Seraphim . . .

Após approxima-se de sua amortalhada tia e chama-a em alta voz por seu nome. . .

Oh! maravilha estupenda, divina!

A que era morta instantaneamente se agita e se levanta. . . Tornára á vida, gozava perfeita saude. Rosa contava 3 annos apenas.¹

Eis os primeiros feitos de nossa santa, cheios de graça, de poesia, de maravilhas, dignas primicias d'uma existencia que, em seu rapido curso, devia de offercer ao mundo o spectaculo de tão heroicas virtudes, de tão giganteos combates, de victorias tão sobrehumanas.

Prosigamos entretanto n'essa vida ascendente que a deve conduzir até ás summidades sublímimas da virtude e do heroismo; estudemos, analysemos porque meios e porque influencias Deus a predispoz para tão alevantada missão, a tornou digna de tão providencial apostolado.

(Continúa).



PENSAMENTOS

A historia é mãe da verdade, émula do tempo, deposito das acções, testemunho do passado, exemplo e aviso do presente, advertencia do futuro.

P.^o ANTONIO VIEIRA.

A mentira é filha primogenita do ocio.

P.^o ANTONIO VIEIRA.

Quem trabalha trata da sua vida, quem está ocioso trata das alheias.

P.^o ANTONIO VIEIRA.

A velhice é o horizonte da vida e da morte, o horizonte onde se ajunta a terra com o céo, e o tempo com a eternidade.

P.^o ANTONIO VIEIRA.

A adulação é aquelle perpetuo mal ou achaque dos reis, cuja grandeza, opulencia e imperios muitas mais vezes destruiu a lisonja dos adulares, que as armas dos inimigos.

P.^o ANTONIO VIEIRA.



¹ Dum esset trium annorum avunculam, que per die mortua fuerat, resuscitavit. Acta proc. can., (vita).

ANECDOTAS

Em casa dos paes entrou ás trindades um filho, estudante do seminario. Para a ceia havia só dois ovos.

— O' mulher, os ovos são dois e nós somos tres; não chegam.

— Chegam, atalha o estudante; onde estão dois está um, não é verdade? — pois dois e mais um, são tres; logo chegam.

— Sim, sim, respondeu o pae, e pensando um pouco, rematou fazendo a distribuição e dizendo:

— Mulher toma um para ti, o outro é para mim. O' rapaz, come tu o terceiro: dois e mais um são tres.

+

N'um exame de zoologia:

— Dê o exemplo d'um reptil.

— Uma cobra.

— Muito bem. . . Outro exemplo.

— Outra cobra.

+

Um carro tem logar para dez pessoas — cinco de cada lado. Um dos passageiros que nota que o banco fronteiro ao seu está occupado apenas por quatro pessoas, quando do seu lado estão preenchidos todos os logares, diz com os seus botões:

— Além vão quatro pessoas. . . aqui estão cinco. . . Que necessidade tenho eu de ir incommodado?

E passou para o outro lado.

+

N'um exame.

O examinador:

— Qual é o fim da grammatica?

O alumno:

— O indice.

+

O juiz para uma testemunha:

— Onde mora?

— Moro com meu irmão.

— Pois sim, mas onde mora seu irmão?

— Mora comigo.

— Co'a breca! Mas onde moram os dois?

— Moramos juntos.

Leituras amenas

Setimo, não furtar

(Continuação do numero passado)

DASSADAS vinte e quatro horas, quando não tinham ainda soado as oitavas no relógio do Tribunal eterno, tornou S. Miguel a preparar a balança e os pesos, S. Pedro sentou-se na cadeira presidencial e reabriu-se a sessão.

— Aqui está um sapateiro, — bradou a voz do Anjo que officia de *continuo*; — e entrou um homem de grandes oculos sujos

e empoados e com uns bigódes como dois piassabas.

— Bemdito seja S. Chrispim que me preservou da tentação de roubar o alheio! — disse, saudando com uns ademanos muito aristocraticos, e levantando os olhos ao céu para dar graças a seu bemdito Protector. — Sou sapateiro, e juro não haver roubado a ninguem coisa alguma, nem do tamanho de uma unha.

— Muito é isso, — replicou S. Pedro.

— Porque, santo bemdito?

— Porque eu, que bem vi como trabalhavas em teu officio, sei que é tudo pelo contrario. E senão dize-me: não eras tu que compunhas formosos tacões com pedaços de papelão? E não eras tu que guardavas solas velhas e as raspavas para fazel-as passar por novas quando te pediam solas duplas? E então não fazias passar botinhas de carneira como de cordovão e sapatos de oleado como de verniz da China, e não davas pontos de meia vara para que o freguez tornasse a voltar em breve?

— Então Vossa Santidade tambem foi sapateiro?

— Fóra! — exclamou S. Pedro — vae-te a remendar os sapatos a Satanaz.

— A quem toca a vez?

— A mim — disse um homem bem vestido e de modos muito cortezes. — Sou empregado publico; ou melhor direi, fui-o n'outro tempo. Fui empregado no ministerio da Fazenda e Obras publicas, e nem sequer me veio tentação de prejudicar o erario publico.

— Como! Tão escrupulosamente cumprieste as obrigações de teu cargo?

— Quero dizer que não furtava.

— Não furtarias dinheiro, acredito, porque não o tinhas á mão; no entanto, consistirá tudo em furtar dinheiro? Não eras tu que passavas metade do tempo no gabinete, de charuto na bocca, lançando papeis ao brazeiro? Não eras tu que empregavas na leitura de periodicos o tempo que devias gastar com o expediente da secretaria? Não eras tu que punhas mil dificuldades e empecilhos, a todos que necessitavam alguma coisa de teu officio, para obrigar-os a que untassem o carro de teus serviços com o azeite de suas propinas? E para que obravas assim tendo o teu soldo?

— Senhor, é que . . .

— Esquerda! Venha outro.

E entrou outro, melhor direi, outra, porque era uma creada de servir a que penetrou na sala, de mangas arregaçades e com a maior semcerimonia.

— Em que poderei servil-os, meus senhores?

— Em confessares todas as ladroeias que lá commetteste no outro mundo, grandessissima desenvergonhada.

— Eu, ladroeias! Crédo, anjo bento! Em minha vida não roubei nem cinco reis que fosse.

— Sim, tu não roubavas aos cinco reis, mas roubavas aos dez e aos vinte. Ora dize-me cá: não eras tu que tinhas aquelle noivo, que era segundo cabo do regimento de infantaria?

— Sim, e isso que tem?

— Que não havia manhã, em que, ao voltares das compras, elle te não mettesse a mão no cesto.

— Ora! aquillo era uma brincadeira como outra qualquer.

— Era brincadeira, sim, mas teus amos lá ficavam todos os dias sem metade d'aquelles generos que tu pagavas com o seu dinheiro. E depois, porque ias sempre comprar carne áquelle açougue, onde te davam tantos ossos em vez de carne?

— E' porque o carniceiro me dava todos os dias qualquer coisa para as minhas bugigangas.

— Mas tudo isso ia de menos na carne.

— Ora! isso faziamol-o todas: iamos comprar onde nos davam alguma coisa.

— Mas á custa dos amos; porque, se compraveis assucar, davam uma onça de menos, se arroz davam de menos duas, e assim, á medida que augmentava o peso, crescia o roubo. Quer dizer: que não só roubaveis a quem devieis servir, senão que ajudaveis a que os outros roubassem.

— E' que . . .

— Esquerda! Venha outro.

— Ave-Maria Purissima, — disse, persignando-se gravemente, um individuo de voz assucarada e melliflua, sapato negro de fivéla, calção, barrete preto e rosto chamuscado. — Meu Senhor S. Pedro, sou, melhor direi, fui, pela misericordia de Deus e graça da Santa Madre Egreja Catholica Apostolica Romana, fui sacristão: louvado seja o Senhor! Não roubei o alheio, não tirei nem um real do prato com que pedia esmolas na Egreja; nunca metti unhas mali-

ciosas na caixa das almas; quando repartia a collecta, não reservei nada para mim: dava fielmente a cada um o que lhe tocava; assim é que não me accusa a consciencia...

— Parece-me — interrompeu S. Pedro — que queres defender a causa de tua beatificação.

— E' que, como nunca me colheu pelos cabellos o feio vicio do furto...

— Não me admiro: és calvo... mas vamos a contas: bebias vinho ás comidas?

— Um pouco para facilitar a digestão.

— E aonde ias buscal-o?

— Direi a V. Reverencia: esse vinho foi-me aconselhado pelos médicos.

— Não pergunto por isso, — interrompeu S. Pedro — quero saber d'onde era o vinho?

— Sim, eu... não bebia muito: um cóposinho de cada vez, e dois quando tinha de ficar de vigilia, porque...

— E elle a dar-lhe, —olveu o apostolo um tanto azêdo. — Torno a perguntar: d'onde tomavas esse vinho?

— Olhe, senhor, eu... tomava do mais claro, porque é mais digestivo.

— Irra! — gritou S. Pedro, empunhando uma das chaves — então tu não me dizes d'onde tiravas o vinho?

— Senhor! — acudiu tremendo o sacristão — eu tirava do que estava na igreja para as missas...

— Eu já sabia que era da igreja que o tiravas; porque de lá eram tambem os cotos de vela com que te alumias, e o azeite com que amaciavas a salada. Hypocrita e ladrão! Roda para a esquerda! Venha outro.

— Presente — disse uma voz. E subiu um homem de fato de diferentes côres, e levando na mão uma grande thesoura.

— Eras tosquiador d'ovelhas? — interrogou S. Pedro.

— Não, senhor: era alfaiate.

— Vem a dar no mesmo, porque, se não tosquiavas a lã aos borregos, sabias carrear menos mal a de teus freguezes.

— Senhor, — continuou o das thesouras — como artista consciencioso nunca levei a ninguem mais do que o justo, quer cortasse uma modesta jaqueta, quer talhasse um aristocratico *frak*. E' verdade que algumas vezes promettia um fato acabado para Quinta-feira Santa, e só o levava ao do-

no em dia de *Corpus Christi*; pelo que me cantavam lá na minha terra:

*O alfaiate d'esta terra
E' modelo de promptidão:
Promette prompto na Paschoa
E entrega na Ascensão!*

Quanto a perfeição e esmero no trabalho, que o diga o sacristão que acaba de sahir d'aqui: quando elle era ainda menino do côro fiz-lhe uma sotaina, e com ella o enterraram ha tres dias; ao passo que elle ia crescendo, alargava tambem a sotaina, e...

— Grande embusteiro e ladrão me parecees tu! Ora diz-me cá: quantos filhos tiveste?

— Quatro, senhor.

— Quantas vezes compraste panno para fazer-lhes gorros e jalecos?

— Olhe, senhor, sempre ficavam uns retalhitos inuteis, porque isso não se pôde evitar. Se V. Reverencia tivera sido alfaiate, bem saberia que um par de calças não pôde cortar-se em linha recta.

— Já te dou com a linha recta, grande ladrão. Vae talhar calções a Pedro Botelho, que lá te apresentarão uma boa peça por onde cortes á tua vontade.

Sahiu confuso o alfaiate, abrindo e fechando as thesouras; ia já a entrar outro accusado, quando se ouviu uma grande algazarra á porta do tribunal.

— Que barulho é esse? — perguntou S. Pedro.

— Senhor, — respondeu um Anjo — é a secção dos industriaes, que querem entrar todos ao mesmo tempo.

— A secção de industriaes? Horror! Não deixes entrar esse exercito de falsificadores: manda-os a todos lá para o bairro inferior.

— Mas, senhor!...

— Nada, inferno com elles: Bem os conheço a todos.

— Senhor: elles dizem que teem certas desculpas a allegar.

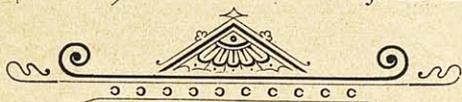
— Desculpas?! E que desculpa merece o fabricante de farinha que mistura o trigo com terra para enriquecer á custa da humanidade? e o que fabrica azeite de algodão e o impinge como de oliveira, puro e de primeira qualidade, envenenando a meio mundo? e o que vende medicinas falsificadas, que, por ganhar dez réis de mel coa-

do, causa a morte a milhares de enfermos? e o que falsifica, não só os medicamentos, mas os alimentos, bebidas e outras substancias empregadas na industria, com o que mata a meia sociedade, arruinando a outra meia, e que se fica tão fresco com as suas traficancias, como se aquellas riquezas, agenciadas á custa de tantas dôres alheias, não estivessem clamando vingança, e não houvessem de subir-lhe algum dia á garganta para executar n'elle a justiça de Deus!... Nada: inferno com essa canalha, que, se não existira o inferno, mister seria invental-o para os transgressores do setimo preceito.

E o Anjo, dando um violento emporrão n'aquella chusma insupportavel, fechou a porta do tribunal; e os condemnados por *causa das unhas* sahirám vivando em direcção aos abismos eternos.

(*Conclue*).

J. M. L.



CULTO DE S. ANTONIO

PELO PAIZ

Membros da Pia União



s associados inscriptos na Pia União desde o meado do mez transacto são os seguintes:

<i>Patriarchado de Lisboa</i>		8
Carvalhal		5
Setubal		2
Roliça		1
<i>Arcebisado de Braga</i>		300
Santa Marinha		4
Oriz		5
S. Pedro		44
Paço		12
Gondomar		24
Ponte do Lima		158
Santa Marinha de Forjaes		14
Barcellos		9
Villar das Almas		14
S. Pedro d'Alvites		16
<i>Diocese do Porto</i>		227
Mancellos		118
Santa Christina de Figueiró		1
Freixo de Baixo		90

Freixo de Cima	10	
Frejim	8	
<i>Diocese de Coimbra</i>		110
Sebal Grande	110	
<i>Diocese de Bragança</i>		180
De varias partes	128	
Santa Martha de Portozello	6	
S. Martinho de Moure	2	
Braga	7	
Total dos Associados	90:854	

BRAGA

Quando pela ultima vez se abriu o cofre das acções de graças e petições a S. Antonio, na egreja dos Tereceiros, encontraram-se 15 cartas a agradecer beneficios recebidos do Santo e 113 a implorar varias graças; eram assim distribuidas: dôcnes a pedir saude 27, exames 23, conversões 6, casamentos 2, negocios temporaes 35, graças espirituaes 8, isenção de serviço militar 1, varias necessidades 11. As acções de graças eram: por curas obtidas 2, coisas perdidas 1, casamentos 1, conversões 2, exame 1, outras graças 11.

Notamos algumas que nos parecem de maior importancia e piedade

PETIÇÕES

Negocio temporal — Meu adorado e milagroso Santo Antonio, meu protector e Santo do meu nome, peço-Vos que me alcanceis que os meus vinhos, que estão com defeito, dentro d'um anno fiquem bons para sempre, e que eu os possa vender no mercado com vantagem, e se permittirdes que eu venda alguns dos meus vinhos que estão bons antes da proxima vindima, prometto-Vos dar 500 réis mensaes durante alguns annos para os vossos pobres.

Douro, 28 — 6 — 97.

Fundação de uma casa de educação — Meu bom Santo Antonio, já ha muito que vós lêdes no meu coração o motivo porque resolvi escrever-vos estas linhas. Sim, vós bem sabeis que é porque tenho obra começada, e vejo o risco que corre de não ser acabada, e como da minha parte e fortuna nada posso fazer, amanhã depois de lançar esta carta no correio, o que farei depois de ouvir a missa, commungar e fazer todas as minhas orações, irei tirar um bilhete de loteria, e peço-Vos do intimo do coração que o abençoeis. O meu desejo é a conservação da innocencia e arrancar almas ao demonio. Meu querido Santo, eu vos prometto que qualquer real será empregado em honra de Deus.

Quantia perdida — Oh meu Padre Santo Antonio, pelo poder do Menino Jesus, que tendes em vossos braços, vos peço que me alcanceis a quantia que sabeis; prometto dar-vos o dizimo.

Tres conversões — Meu glorioso Santo Antonio! Sei que vós amaes muito e muito os pobres peccadores. Ai! meu querido Santo, é para esses que hoje imploro a vossa protecção. Ha na minha freguezia tres desgraçados que são o escandalo

ciosas na caixa das almas; quando repartia a collecta, não reservei nada para mim: dava fielmente a cada um o que lhe tocava; assim é que não me accusa a consciencia...

— Parece-me — interrompeu S. Pedro — que queres defender a causa de tua beatificação.

— E' que, como nunca me colheu pelos cabellos o feio vicio do furto...

— Não me admiro: és calvo... mas vamos a contas: bebias vinho ás comidas?

— Um pouco para facilitar a digestão.

— E aonde ias buscal-o?

— Direi a V. Reverencia: esse vinho foi-me aconselhado pelos médicos.

— Não pergunto por isso, — interrompeu S. Pedro — quero saber d'onde era o vinho?

— Sim, eu... não bebia muito: um cóposinho de cada vez, e dois quando tinha de ficar de vigilia, porque...

— E elle a dar-lhe, —olveu o apostolo um tanto azêdo. — Torno a perguntar: d'onde tomavas esse vinho?

— Olhe, senhor, eu... tomava do mais claro, porque é mais digestivo.

— Irra! — gritou S. Pedro, empunhando uma das chaves — então tu não me dizes d'onde tiravas o vinho?

— Senhor! — acudiu tremendo o sacristão — eu tirava do que estava na igreja para as missas...

— Eu já sabia que era da igreja que o tiravas; porque de lá eram tambem os cotos de vela com que te alumias, e o azeite com que amaciavas a salada. Hypocrita e ladrão! Roda para a esquerda! Venha outro.

— Presente — disse uma voz. E subiu um homem de fato de diferentes côres, e levando na mão uma grande thesoura.

— Eras tosquiador d'ovelhas? — interrompeu S. Pedro.

— Não, senhor: era alfaiate.

— Vem a dar no mesmo, porque, se não tosquiavas a lã aos borregos, sabias carrear menos mal a de teus freguezes.

— Senhor, — continuou o das thesouras — como artista consciencioso nunca levei a ninguem mais do que o justo, quer cortasse uma modesta jaqueta, quer talhasse um aristocratico *frak*. E' verdade que algumas vezes promettia um fato acabado para Quinta-feira Santa, e só o levava ao do-

no em dia de *Corpus Christi*; pelo que me cantavam lá na minha terra:

*O alfaiate d'esta terra
E' modelo de promptidão:
Promette prompto na Paschoa
E entrega na Ascensão!*

Quanto a perfeição e esmero no trabalho, que o diga o sacristão que acaba de sahir d'aqui: quando elle era ainda menino do côro fiz-lhe uma sotaina, e com ella o enterraram ha tres dias; ao passo que elle ia crescendo, alargava tambem a sotaina, e...

— Grande embusteiro e ladrão me parecees tu! Ora diz-me cá: quantos filhos tiveste?

— Quatro, senhor.

— Quantas vezes compraste panno para fazer-lhes gorros e jalecos?

— Olhe, senhor, sempre ficavam uns retalhitos inuteis, porque isso não se pôde evitar. Se V. Reverencia tivera sido alfaiate, bem saberia que um par de calças não pôde cortar-se em linha recta.

— Já te dou com a linha recta, grande ladrão. Vae talhar calções a Pedro Botelho, que lá te apresentarão uma boa peça por onde cortes á tua vontade.

Sahi confuso o alfaiate, abrindo e fechando as thesouras; ia já a entrar outro accusado, quando se ouviu uma grande algazarra á porta do tribunal.

— Que barulho é esse? — perguntou S. Pedro.

— Senhor, — respondeu um Anjo — é a secção dos industriaes, que querem entrar todos ao mesmo tempo.

— A secção de industriaes? Horror! Não deixes entrar esse exercicio de falsificadores: manda-os a todos lá para o bairro inferior.

— Mas, senhor!...

— Nada, inferno com elles: Bem os conheço a todos.

— Senhor: elles dizem que teem certas desculpas a allegar.

— Desculpas?! E que desculpa merece o fabricante de farinha que mistura o trigo com terra para enriquecer á custa da humanidade? e o que fabrica azeite de algodão e o impinge como de oliveira, puro e de primeira qualidade, envenenando a meio mundo? e o que vende medicinas falsificadas, que, por ganhar dez réis de mel coa-

do, causa a morte a milhares de enfermos? e o que falsifica, não só os medicamentos, mas os alimentos, bebidas e outras substancias empregadas na industria, com o que mata a meia sociedade, arruinando a outra meia, e que se fica tão fresco com as suas traficancias, como se aquellas riquezas, agenciadas á custa de tantas dôres alheias, não estivessem clamando vingança, e não houvessem de subir-lhe algum dia á garganta para executar n'elle a justiça de Deus!... Nada: inferno com essa canalha, que, se não existira o inferno, mister seria invental-o para os transgressores do setimo preceito.

E o Anjo, dando um violento emporrão n'aquella chusma insupportavel, fechou a porta do tribunal; e os condemnados por causa das unhas sahirám uivando em direcção aos abismos eternos.

(Conclue).

J. M. L.



CULTO DE S. ANTONIO

PELO PAIZ

Membros da Pia União



s associados inscriptos na Pia União desde o meado do mez transacto são os seguintes:

<i>Patriarchado de Lisboa</i>		8
Carvalhal		5
Setubal		2
Roliça		1
<i>Arcebispado de Braga</i>		300
Santa Marinha		4
Oriz		5
S. Pedro		44
Paçô		12
Gondomar		24
Ponte do Lima		158
Santa Marinha de Forjaes		14
Barcellos		9
Villar das Almas		14
S. Pedro d'Alvites		16
<i>Diocese do Porto</i>		227
Mancellos		118
Santa Christina de Figueiró		1
Freixo de Baixo		90

Freixo de Cima	10	
Frejim	8	
<i>Diocese de Coimbra</i>		110
Sebal Grande	110	
<i>Diocese de Bragança</i>		180
De varias partes	128	
Santa Martha de Portozello	6	
S. Martinho de Moure	2	
Braga	7	
Total dos Associados	90:854	

BRAGA

Quando pela ultima vez se abriu o cofre das acções de graças e petições a S. Antonio, na egreja dos Tereceiros, encontraram-se 15 cartas a agradecer beneficios recebidos do Santo e 113 a implorar varias graças; eram assim distribuidas: dôntes a pedir saude 27, exames 23, conversões 6, casamentos 2, negocios temporaes 35, graças espirituaes 8, isenção de serviço militar 1, varias necessidades 11. As acções de graças eram: por curas obtidas 2, coisas perdidas 1, casamentos 1, conversões 2, exame 1, outras graças 11.

Notamos algumas que nos parecem de maior importancia e piedade

PETIÇÕES

Negocio temporal — Meu adorado e milagroso Santo Antonio, meu protector e Santo do meu nome, peço-Vos que me alcanceis que os meus vinhos, que estão com defeito, dentro d'um anno fiquem bons para sempre, e que eu os possa vender no mercado com vantagem, e se permittirdes que eu venda alguns dos meus vinhos que estão bons antes da proxima vindima, prometto-Vos dar 500 réis mensaes durante alguns annos para os vossos pobres.

Douro, 28 — 6 — 97.

Fundação de uma casa de educação — Meu bom Santo Antonio, já ha muito que vós lêdes no meu coração o motivo porque resolvi escrever-vos estas linhas. Sim, vós bem sabeis que é porque tenho obra começada, e vejo o risco que corre de não ser acabada, e como da minha parte e fortuna nada posso fazer, amanhã depois de lançar esta carta no correio, o que farei depois de ouvir a missa, commungar e fazer todas as minhas orações, irei tirar um bilhete de loteria, e peço-Vos do intimo do coração que o abençoeis. O meu desejo é a conservação da innocencia e arrancar almas ao demonio. Meu querido Santo, eu vos prometto que qualquer real será empregado em honra de Deus.

Quantia perdida — Oh meu Padre Santo Antonio, pelo poder do Menino Jesus, que tendes em vossos braços, vos peço que me alcanceis a quantia que sabeis; prometto dar-vos o dizimo.

Tres conversões — Meu glorioso Santo Antonio! Sei que vós amaes muito e muito os pobres peccadores. Ai! meu querido Santo, é para esses que hoje imploro a vossa protecção. Ha na minha freguezia tres desgraçados que são o escandalo

até das freguezias visinhas. Pelo amor que tendes a Deus e á Virgem, peço-vos que impetreis a graça para a conversão de todos tres. Se este milagre se operar prometto-vos a esmola de 3\$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Se em principio de Setembro esta graça estiver alcançada quando eu passar em Braga hei de agradecer-vol-a a vossos pés e estarei deante de vossa imagem de joelhos durante uma hora.

Tambem ha tempo me desapareceu um objecto, e em vão o tenho procurado, e por estes dias no vosso serviço me desapareceu outro. Se elles me apparecerem dentro de quinze dias, prometto dar 50 réis a cinco pobresinhos.

Concelho de Amarante, 21 — 6 — 97.

A pedir saude — Milagroso Santo Antonio de Lisboa, se intercederdes perante Deus para que eu saíre da minha perna para andar sem p'u nenhum, prometto dar-vos a esmolinha de 1\$000 réis em prata. Peço-vos o milagre no prazo de um mez.

— Glorioso Santo Antonio, que tantos milagres tendes foito, peço-vos que façaes mais um; e dar vista aos meus olhos, e darei a offerta que vos prometti.

Um bilhete de loteria — Nosso querido e glorioso Santo Antonio, cheias de fé e confiança no vosso elevadissimo patrocínio vamos pela primeira vez depositar aos vossos pés uma supplica, para que nos alcanceis na loteria o premio de um conto de réis para cima, afim de nos livrarmos de alguns embarços em que nos encontramos e podermos socorrer aquellas duas obras purissimas e tanto da gloria de Deus. Se nos attenderdes, glorioso Santo, e nos obtiverdes de Deus (a cuja vontade nos submettemos) o que vos supplicamos, dar-vos-hemos para o pão dos pobres 5\$000 réis, e sendo o premio para cima de um conto, daremos 10\$000 réis.

Exame — Milagroso Santo Antonio! Admirando a vossa sublime santidade e os milagres que dos altos céos estaes fazendo, peço-vos com o maior fervor e humildade a vossa bemdita intercessão para o exame, que tenho de fazer por todo o mez de Agosto. Se vós me fizerdes o milagre de eu tirar no meu exame um diploma com a classificação de — Bom — dar-vos-hei 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos; mandarei dizer, logo que possa, uma missa em vossa honra, e far-vos-hei lembrar e venerar a todas as creancinhas que frequentarem a minha escola. Espero de vós esta graça, que me é tão necessaria. Aceitae, meu bom Santo Antonio, esse *bouquet* de flôres que, juntamente com a minha saudosa e fiel companheira de estudos, vos offereço, e espero tereis a mesma protecção para com ella, que tanto vos supplica constantemente o vosso auxilio.

Uma graça espiritual — Milagroso Santo Antonio! De todo o meu coração vos peço que me alcanceis de Jesus e de Maria a graça que vos peço de joelhos e com tanta fé; amparae-nos, porque estamos expostas a muitos perigos. Se nos concederdes esta graça, prometto fazer-vos uma trezena com toda a fé, e dar 4\$500 réis em ouro para os vossos pobresinhos e ficarei a dar 1\$000

réis por mez. Ouvi-me por caridade. *Uma vossa devota.*

Exames — Peço-vos, oh meu Padre Santo Antonio, a vossa protecção para o meu sobrinho ficar bem no exame de litteratura que tem de fazer, e eu vos prometto de vos dar uma esmola para o pão dos vossos pobres.

— Meu bemaventurado Santo Antonio, peço-vos em nome de Jesus Sacramentado que me deis força para levar ávante os meus estudos, e que d'aquí a um anno eu possa fazer exame e fique bem. Prometto-vos dar 10\$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos; se me ajudardes nunca jámais me esquecerei de vós.

— Admiravel Santo Antonio, Santo do meu nome e meu amavel protector, pelas virtudes que praticastes, eu vos rogo que permitaes que eu, este anno, faça exame de Francez, Historia, Mathematica 2.^a parte e Desenho, e fique approvado, que vos prometto dar 500 réis para o pão dos pobres.

ACÇÕES DE GRAÇAS

Exame — Milagroso Santo Antonio, envio-vos os 100 reis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos, por me obterdes a graça de ficar approvado no meu exame de Physica. Peço-vos que me concedaes graça egual no meu exame de Philosophia.

Matrimonio — Meu glorioso Santo Antonio. venho entregar-vos a esmolinha de 1\$000 réis para os vossos pobres, em testemunho do meu agradecimento, pelo casamento que se realisou, e para o qual eu vos tinha implorado a vossa protecção.

— Meu bom Santo Antonio, agradeço-vos a graça que me fizeste de se ter confessado a pessoa que vos tinha pedido; agradeço-vos tambem outras graças temporaes.

— Thomasia Lima e Maria Lima dão cinco tostões em prata, promessa feita pelo milagre fei-to por Santo Antonio em Outubro de 1896.

— Meu querido protector e advogado, eu vos agradeço penhoradissimo, o grande beneficio de livrardes de certos achaques alguns dos meus animaes, além de muitos outros beneficios que de vós tenho recebido. Aqui deixo 300 réis como tinha promettido.

Meu glorioso Santo Antonio, a vossa devota reconhecida vem agradecer o milagre que lhe fizeste: já alguns de meus inquilinos me pagaram, e como vos prometti 500 réis, se todos satisfizessem, venho entregar-vos 240 réis; logo que seja embolsada contae com o resto que é para o pão dos vossos pobresinhos. Sêde louvado por todos, pois que sois o amigo dos afflictos. *Vossa dedicada devota, A. P. A.*

— Eu vos agradeço o favor e milagre que acabaes de me fazer, pois já me appareceu a saia de seda preta, que ha muito tempo me faltava, e n'esta occasião vos dou a esmola que vos tinha promettido.

— Por varias graças recebidas, algumas das quaes foram verdadeiramente extraordinarias, offereço a Santo Antonio para o pão dos pobres 20\$000 réis. *Um devoto.*

— Meu querido e adorado Santo Antonio!

muito e muito obrigadas pela graça que nos alcançaste de Nosso Senhor, de ficar agora completamente curado o nosso mano Francisco. Pedi a Nosso Senhor para elle nunca mais tornar a ter tão dolorosa doença. Aqui vos entregamos o que vos promettemos para os vossos pobres. Muito obrigadas, meu querido Santinho.

— Por mais uma vez remetto inclusa uma nota na importancia de 1\$000 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio.

— Agradeço-vos do fundo d'alma a graça que me alcançaste de Nosso Senhor; pelo que vos envio 500 réis para o pão dos pobresinhos.

Exame de sargento — João Bernardo dos Santos, da freguezia de Arega, em reconhecimento pela graça que lhe fez Santo Antonio, de ficar approved no exame para sargento, manda 500 réis para o pão dos pobresinhos.

— Meu glorioso Santo Antonio, achando-me bastante mal com uma dôr n'um joelho, que me não deixava andar, pedi-vos a graça de me sarar; prometti-vos meia libra em ouro, e vós, meu grande santo, dignaste-vos fazer o milagre. Mil graças vos dou e envio a meia libra em ouro.

— Meu glorioso santo, venho trazer-vos 250 réis que vos prometti, quando afflicto, ha dias. Venho protestar o meu reconhecimento perante vossos devotos.

— Meu querido protector, graças á vossa intercessão vivo livre da oppressão em que vivi, mais de 20 annos. Constitui-me vossa foreira em 500 réis annuaes pagos até ao dia 13 de Junho; paguei o meu foro em 95 e 96 e agora remetto o de 97. Alcancei a contricção das minhas culpas, o perdão para os meus erros, uma vida regular e a paz que só desfructa quem vive bem...

Rendimento do pão de Santo Antonio de Braga

Durante a primeira quinzena de Junho rendeu a quantia de 129\$200 réis e durante a ultima, abrindo-se a caixa, foram encontrados 179\$580 réis, incluindo uma libra em ouro e o legado de 20\$000 réis deixado por Francisco José Machado; além d'isto os jornaes d'esta cidade deram a noticia de que a snr.^a D. Maria de Freitas, de 81 annos de idade, fallecida na sua casa da rua dos Chãos deixára em testamento 200\$000 réis a Santo Antonio dos Terceiros.

Festejos em honra de Santo Antonio — As Beatas de Santo Antonio levaram a effeito na manhã do dia 20 de Junho na igreja do Hospital, uma festividade muito religiosa em honra do Protector dos pobresinhos, havendo missa solemne.

— Houve no mesmo dia outra solemnidade: realisou-se na capella do Paço, constando de missa a grande instrumental e sermão. Foi promovida pelo Seminario de Santo Antonio.

LISBOA

Centro da Pia União na igreja dos Anjos

O zelosissimo director d'este Centro Parochial tem-se evidenciado como obreiro incançavel da Pia Obra do nosso milagro-

so Santo. Vemol-o cada vez mais esforçado pelos optimos resultados obtidos. A igreja dos Anjos em Lisboa pôde chamar-se uma forte iniciadora da devoção a Santo Antonio n'aquella cidade, e é já um poderoso fóco de luz d'onde tem dimanado em grande abundancia a piedade e conforto para bom numero de almas.

Eis o que communicou ao Revd.^o P.^e Fr. Antonio de Santa Maria, Director Geral da Pia União em Portugal, o dignissimo Director Parochial, Revd.^o P.^e Antonio Rodrigues Soares, em data de 16 de junho:

Graças a Nosso Senhor, este Centro cada vez está mais fervoroso.

Todas as terças-feiras temos dado o pão corporal e espiritual a mais de 80 pobresinhos; e esperamos continuar a fazel-o em todas as terças-feiras. A caixa do pão dos pobres de Santo Antonio rendeu 18:500 réis desde 19 de abril a 19 de maio. No cofre das petições foram encontradas 27 cartas pedindo varias graças espirituas e temporaes, e 24 agradecendo diferentes graças já obtidas. Vejamos algumas.

PETIÇÕES

Bom Santo Antonio. A vós recorreremos n'esta grande afflicção pedindo por Jesus e Maria que nos despacheis a grande graça que nós pedimos, se fôr para maior honra e gloria do bom Deus e salvação das nossas almas, e é que nos leveis para o céu ou nos retireis do mundo antes que nos succeda o que sabeis e que tanto afflige a nossa pobre alma.

Se nos alcançardes esta graça, daremos uma esmola para o pão dos vossos pobresinhos.

— Meu querido Santo Antonio. Pela primeira vez venho, cheia de fé, implorar a vossa protecção, pedindo-vos que me alcanceis da SS. Virgem a graça de eu ser admittida em o numero de suas *filhas*. Se me alcançardes esta graça, dou-vos no dia da minha admissão 500 réis para o pão dos pobres, e desde já vos mando 100 réis, e prometto publicar a graça.

— Meu querido Santo Antonio. Se permittrides que me paguem os 12:300 réis que me devem, dou-vos 1:000 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *F.*

— Meu bom Santo Antonio. Peço-vos que me alcanceis a conversão de minha familia, a conformidade em tudo com a vontade de Deus, e a graça de repellir do meu coração todos os affectos desordenados. — *Um devoto de S. Antonio.*

— Meu querido Santo Antonio. Mais nma vez me prostro a vossos pés para vos pedir: 1.^o que me deis a coragem necessaria para soffrer as amarguras que se passam na vida; 2.^o que me depareis os meios de subsistencia. Se me obtiverdes estas graças dar-vos-hei logo alguma coisa para o pão dos vossos pobres.

— Meu bom Santo. Rogo-vos que convertaeas aquelle pobre incredulo, e façaes que elle se volte para Deus, e não torne mais a blasphemar, etc. — *Uma devota.*

— Meu bom Santo Antonio. Peço-vos: 1.º que deis muita saude ao meu Papásinho e muitas felicidades para que brevemente regresses; 2.º que nos deis muito boa sorte e nos faças boas; 3.º se realise o que a tia deseja; 4.º que saíamos aprovadas nos exames do 5.º e 2.º anno. Se o fizerdes, dou-vos uma véla e 500 réis, e pelo meu exame 400 réis. — *Uma devota.*

— S. Antoine, ami de l'Enfant Jésus. Faites moi la grace, si telle est la volonté de Dieu, de me guérir de ma surdité. Si 'obtins cettgrace, je vous promets de la faire publier dans 3 Révues. Obtenez, moi aussi 2 grases spirituelles, que vous savez. — *Une enfant de S. François.*

— Meu bom Santo Antonio. Bem sabeis que F. e F. precisam de se receberem em matrimonio. Removei, se fôr do agrado de Deus, todas as difficuldades que se apresentam, e recebereis uma esmola para os vossos pobresinhos.

AGRADECIMENTOS

Meu querido Santo Antonio, mais uma vez me prostro aos vossos pés para vos agradecer uma graça que acabaes de me fazer; tendo-me desaparecido um objecto, pedi-vos, prometti publicar a graça e dar 100 réis para o vosso culto, e no mesmo instante o achei. *Uma filha de S. Francisco.*

— Meu bom Santo, envio-vos a esmola que vos prometti pela graça que me alcançaste concedendo-me que meu pae obtivesse um emprego.

— *Um vosso pequenino devoto.*

— Meu Santo Antonio, venho hoje cumprir a promessa que fiz de mandar publicar na «Voz» a grande graça que obtive de me socegar o meu espirito. — *Vossa indigna serva.*

— Meu glorioso Santo Antonio, venho humilhada aos vossos pés para vos agradecer a graça que me fizeste de me sarar o meu marido, que estava doente d'uma perna, e cumpro o que prometti enviando-vos 500 réis para o vosso culto. — *J. R. F., f. de S. F. e zeladora vossa.*

— Meu querido e bom Santo, venho hoje, cheia do maior reconhecimento, agradecer-vos a grande graça que me alcançaste, que o meu filho se voltasse para o aprisco da verdadeira religião e recebesse o Escapulario de Nossa Senhora do Carmo, que tivesse boa viagem para a Africa. Aqui vos remetto o que prometti para os vossos pobresinhos. — *Uma serva de S. A. e f. de S. F.*

— Glorioso Santo Antonio, agradeço-vos de terdes intercedido junto de Deus para que o enfermo, que já morreu, A. A., recebesse com as devidas disposições os Santos Sacramentos de que andava afastado ha annos. — *Uma vossa devota.*

*

Ha varias outras graças de empregos obtidos, dinheiro achado, e tambem graças espirituaes, que por brevidade omitto. No entretanto o que fica exposto é mais que sufficiente para que se possa avaliar os beneficios que este bom Santo vae fazendo n'esta cidade, como os está fazendo em todo o mundo.

Já não podemos duvidar de que esta obra é verdadeira obra do Céu; os fructos o attestam.

*

Tinhamos resolyido celebrar a nossa festa em honra do nosso glorioso Protector no dia 20 do

corrente; mas, em razão de não haver cruces-medalhas e serem muitos os pedidos que d'ellas nos teem sido feitos e para o dia da festa, resolvemos addial-a para o dia 27. Será precedida d'um Triduo por musica com o SS. Sacramento exposto e pratica.

No dia 27, ás 8 horas da manhã haverá communhão geral; ás 11 1/2 missa a grande instrumental com o SS. Sacramento exposto (que assim ficará até á tarde) e sermão. De tarde, pelas seis horas. Hymno do Santo. Sermão, *Te-Deum*, *Jaculatorias* e Benção do SS. Sacramento. No fim, se poder ser, dar-se-ha a beijar a Reliquia de Santo Antonio. Rogamos ardentemente a todos os leitores se dignem pedir pelo augmento e fervor d'este Centro e pelas intenções recommendadas.

Lisboa e Parochial dos Anjos, 16 de Junho de 1897.

O Director, P.º A. R. Soares.



No dia 9 do corrente o Rev.º Padre Director Geral da Pia União recebeu do mesmo Snr. Padre Antonio Rodrigues Soares a seguinte minuciosa narração da festa a que na precedentemente carta se referira.

E' do teor seguinte:

Como haviamos annuciado, no dia 27 de junho proximo passado celebramos a nossa festa em honra de Santo Antonio, nosso mui amado Protector.

Foi uma festa esplendida e, segundo me parece, de grandes resultados para o bem e salvação das almas.

O altar (devido ao zelo e piedade de algumas fervorosas zeladoras da Pia União, cujos nomes omitto para não offender a sua modestia) estava lindo, lindo, segundo o opinião de todos; mais lindo e bello ainda que na festa da inauguração da Pia União n'esta Igreja dos Anjos, que teve lugar a 15 de fevereiro ultimo.

Uma outra zeladora quiz tambem n'esta occasião manifestar o seu amor ao nosso Santo e, abrindo uma subscripção entre piedosos associados e associadas do seu conhecimento, offereceu a Santo Antonio um rico manto de velludo cõr de castanha, bordado a ouro fino, e uma fita igualmente bordada a ouro para o ramo que o bom Santo tinha na mão, e que foi tambem offerecido por uma outra incançavel zeladora da nossa Pia União.

A todos o mais respeitoso e profundo reconhecimento, e um ardente pedido de que não afrouxem, mas cada vez se afervorem mais, e propaguem por toda a parte esta pia devoção, vinda do céo n'estes tempos para salvar os povos, para os levar ao Sagrado Coração de Jesus, de que Santo Antonio foi um dos mais zelosos apóstolos; o bom Santo as recompensará generosissimamente.

Para commodidade de nossos queridos associados reuni e mandei imprimir em um pequeno folheto alguns canticos em honra de Santo Antonio, que se cantaram com muita piedade e fervor.

Nos dias 24, 25 e 26, fizemos um triduo de exercicios preparatorios, por musica, com o SS. Sacramento exposto no throno, e pratica.

Nos dois primeiros dias préguei eu, e no terceiro prégueo o Rev.º Desembargador Prior de

S. Vicente de Fóra; em todos os tres dias houve bastante concorrência de fieis, e sobre tudo muita devoção e socego.

No dia 27, ás 8 horas, houve communhão geral em que tomaram parte mais de 300 pessoas e bastantes pobresinhos, alguns dos quaes ha annos se não confessavam; bemdito seja Deus! isto consola-nos e recompensa-nos bem das fadigas e alguns desgostos (que afinal sempre acompanham as almas de Deus).

A's 12 horas e meia principiou a missa solemne a instrumental com o SS. Sacramento exposto no throno, que assim ficou até á tarde; cantei-a eu acolytado pelo Rev.º P.º Antonio Rodrigues de Figueiredo e Rev.º P.º Antonio Maria Pimentel, servindo de mestres de ceremonias o Rev.º P.º Joaquim José Barbosa de Lima, mestre de ceremonias da Sé Patriarchal, e o Rev.º Conego Miguel da Fonseca.

Ao Evangelho os musicos cantaram no côro o bello hymno do Rev.º P.º Boaventura, e em seguida subiu ao pulpito o Rev.º P.º José dos Anjos, que, tomando por thema aquellas palavras do Evangelho da missa do dia, *Hic erit magnus. . . et regnabit in æternum*, teceu um bellissimo panegyrico em honra do nosso Santo, mostrando quanto este é superior a todos os heroes do mundo, que é grande entre os maiores Santos do céu, e que por isso deve ser amado por todos, mas principalmente pelos portuguezes, e sobre tudo n'estes tempos em que a sua protecção nos é tão necessaria.

Terminou tudo ás 3 horas.

A's 6 horas da tarde a Igreja estava novamente cheia de fieis, mas todos com um socego e piedade admiraveis.

O Rev.º P.º Lima tomou a capa, e acolytado pelo Rev.º P.º Antonio José Borges, beneficiado da Sé, e pelo Rev.º P.º Pimentel, servindo de mestre de ceremonias o Rev.º conego Miguel da Fonseca, dirigiu-se para o altar-mór, e depois de ter incensado o SS. Sacramento, os musicos cantaram o novo hymno de Santo Antonio, e em seguida subiu eu ao pulpito.

Toméi por thema aquellas palavras de Nosso Senhor: *Misereor super turbam*, e fallei de Santo Antonio e do Pão dos Pobres; mostrei que o que faz a belleza dos Santos é a sua semelhança com Nosso Senhor Jesus Christo, o qual, como diz S. Paulo, deve ser como o primogenito entre muitos irmãos que Deus predestinou para lhe serem semelhantes, e que, por conseguinte, Santo Antonio é bello entre os mais bellos Santos, porque foi um dos que mais se assemelhou ao Divino Redemptor, reproduzindo durante a sua vida na terra e agora no meio da sua gloria do céu a terna compaixão do Divino Coração de Jesus para com as almas, para com os pobresinhos; e provei que esta compaixão pelos pobres, pelos infelizes, pelos abandonados e perseguidos, é o que explica o character da sua vida apostolica e o de seus milagres, e é a causa d'este renovação de devoção para com elle que actualmente se produz em toda a Igreja.

Fallei do desenvolvimento que em tão pouco tempo tem tomado a obra providencial do Pão dos Pobres, disse (e creio que não exaggero) que dentro em pouco Santo Antonio dará mais pão aos pobresinhos do que lhes tiram os que os enganam e os estraviam, dando-lhes em pasto mãos jornaes e livros mãos

que os pobres devem pagar, fazendo-os assistir ás reuniões politicas em que os pobres pagam tambem, e arrastando-os a grèves em que os pobres pagam sempre; mas virá um dia, (e oxalá seja breve) em que entre Aquelle que lhes dá muito sem lhes pedir nada, senão que sejam bons e virtuosos, que amem a Deus e esperem n'Elle, e os que promettem muito e não dão nada, e estraviam os pobresinhos, para melhor subir ás honras e á fortuna, virá um dia, repito, em que o povo comprehenderá quaes são os seus verdadeiros amigos e saberá escolher os seus conselheiros sinceros. O bom Santo apresse esse dia para bem das almas e honra e gloria de Deus.

Disse mais: *Outr'ora comprehendia-se que era um dever fazer passar habitualmente pelas mãos dos sacerdotes as esmolas que os grandes e os ricos teem obrigação de dar aos pobres. Comprehendia-se então (hoje não!) que a caridade material é muitas vezes o meio de chegar até ás almas, e é a este pensamento que são devidas a maior parte das Fundações de Caridade. A Santa Igreja tambem assim o entendia e entende; todos os Benefícios Ecclesiasticos são por ella considerados como bens dos pobres, devendo ser inteiramente gastos em favor d'estes, depois que o Beneficiado tirou o que lhe era necessario para o sustento e para o culto divino. Hoje o clero catholico, despojado injustamente dos seus bens, é pobre, e não temo dizel-o, esta pobreza é as mãos das vezes a causa de os enfermos não receberem todos os socorros desejaveis, e de o sacerdote não ser recebido sempre junto do leito do moribundo. Pois bem: com a obra do Pão dos Pobres o bom Santo Antonio veio remediar este grande mal, fornecendo assim aos sacerdotes o meio de poderem dar liberalmente a esmola, obrigando os ricos, á força de beneficios, a dar muito em favor dos seus pobresinhos!*

Oh! bemdita seja uma obra tão boa! e honrada e glorificado seja por toda a parte e por todas as linguas um Santo tão bom, tão compassivo, tão bello!

Após o sermão cantou-se o *Te-Deum*, o *Tantum ergo* e tres jaculatorias, e no fim deu-se a benção com o SS. Sacramento.

Assim terminou esta bella festa que ficará sempre gravada na nossa memoria e no nosso coração recordando-nos constantemente a correspondencia de Santo Antonio ás graças que lhe foram concedidas pela SS. Trindade, o seu zelo ardentissimo pela gloria de Deus e pela salvação das almas, a sua terna compaixão pelos peccadores, pelos pobresinhos, opprimidos e abandonados, e excitando-nos com todo o ardor a imitar um tão bom Santo, a combater sob a sua bandeira contra as seitas, as herezias e a impiedade, a promover a honra e gloria de Deus, a estender o reino de N. S. Jesus Christo na sociedade, nas familias e nos individuos, a defender os povos contra os tyrannos, a proteger os infelizes, a socorrer os pobresinhos, a converter os peccadores e reunil-os todos no redil do Bom Pastor. Oh! bella festa!!

D'aqui agradeço mais uma vez aos bons Padres que tão generosamente e só pelo amor de Deus e das almas se dignaram coadjuvar-me. O bom Santo os recompensará.

Como nos outros mezes, n'este em todas as terças-feiras demos o pão a mais de 80 pobresinhos, fazendo-lhes n'essa occasião uma pequenipratica sobre a doutrina christã, de que elles teem tanta necessidade, e assim lhes damos o pão espa-

ritual junto com o pão material. Algum fructo já temos tirado e esperamos muito mais. N'este mez de Junho o cofre do Pão dos pobres tinha 27\$000 réis. Nos das petições e promessas havia 43 cartas pedindo diversas graças temporaes e espirituaes; e no dos agradecimentos havia 19 cartas agradecendo tambem diversas graças obtidas por intercessão do bom Santo. Eis aqui algumas:

— Meu Santo Antonio, se me apparecer o meu saquinho com todas as contas que tinha dentro, prometto dar para os vossos pobres 500 réis.

— Meu glorioso Santo Antonio, humildemente prostrada a vossos pés vos peço que alcanceis de Nosso Senhor que aquella pessoa que está ha 17 annos disfructando os meus bens, tenha um tal remorso de consciencia que não possa socegar sem me restituir tudo. Se me obtiverdes esta graça, prometto dar 5\$000 réis para os vossos pobres.

— Meu caro Santo Antonio, confesso que sou grande peccador, e por isso só mereço de Deus castigos, mas auxiliado por vós tudo se póde de Deus alcançar. Por esta razão em vossas mãos entrego o negocio que sabeis; a terça parte do resultado é vossa. Alcançae-me esta graça se é conveniente, como o creio, para mim e para gloria de Deus. — *O mais humilde dos vossos devotos.*

— Santo bemdito. Grande peccador, como sou, indiguo me torno da graça de Deus Omnipotente e de Sua Mãe Santissima; nomeio-vos pois, glorioso Antonio, meu advogado perante a Augusta Mãe de todos os peccadores, afim de que sejam bem succedidos os meus projectos, se isso fôr da vontade de Deus: mas, succeda o que succeder, seja em tudo feita a vontade do Altissimo.

Sabeis quaes são esses meus projectos, para que eu tenha de vol-os repetir; e assim é sufficiente declarar-vos o compromisso que tomo de, concedida que me seja esta graça, dar em cada um anno, além do mais que vós bem sabeis faz parte dos vossos pobres, a quantia de cem mil réis.

N'este negocio, em que ficam interessados tambem os vossos pobres, nomeio a estes para meus auxiliares, e assim todos vos rogamos insistente e confiadamente que empregueis todos os recursos do vosso muito valimento perante Aquella, que Deus quer que seja a Dispenseira de todas as graças, e todos vos bemdiremos, querido Santo Antonio.

Mas sobretudo, e seja qual fôr o despacho dado a esta minha petição, que eu nem ninguem de minha familia nos tornemos indignos da misericordia de Deus e dos compassivos olhares da Auxiliadora dos christãos, é o que vehementemente vos roga o — *vosso indigno servo.*

— Ex.^{mo} Snr. Director da «Voz de S. Antonio», incluso remetto 7\$000 réis para os pobresinhos de Santo Antonio, producto d'uma sociedade.

— Meu glorioso Santo, peço-vos a conclusão do processo do roubo de que fui victima. Dar-vos-hei uma esmola para os vossos pobres.

— Meu glorioso Santo Antonio, aqui venho renovar o pedido que já vos tenho feito mais vezes. Fazei que eu o veja realisado durante este anno, e prometto dar todos os mezes 500 réis para os vossos pobresinhos e fazer publicar esta graça na vossa «Voz». Lisboa, 17 — 6 — 98. — *Uma devota.*

— Glorioso Santo Antonio. Peço-vos que façaes

que meu irmão se torne um verdadeiro catholico, e vos darei uma esmola para o vosso culto ou para os pobresinhos.

GRAÇAS OBTIDAS

Meu querido Santo Antonio. Aqui vos envio estas esmolinhas em cumprimento da minha promessa pelos grandes beneficios alcançados por vós. E se me concederdes o despacho da actual pretensão, darei mais uma esmola para o pão dos vossos pobresinhos. Continuae a proteger-me e acompanhae meu pae na viagem que vae fazer e trazei-o a salvamento. — *Uma devota.*

— Meu querido Santo. Aqui vos envio 100 réis em cumprimento do que vos prometti pelo bom regresso de meu pae.

Continuae a protegê-lo sempre; livrae-o dos perigos, fazei-o feliz e alcançae-lhe o céo. — *Uma devota.*

— Meu bom Santo Antonio. Venho testemunhar-vos a minha gratidão pelas melhoras do papá, pois se acha completamente restabelecido. Muito vos agradeço, e envio 100 réis como vos prometti e mais 20 réis por um outro beneficio. Perdoae-me a demora, pois só agora o pude fazer.

— Meu querido Santo. Aqui vos envio 1:000 réis pelo grande milagre que me fizeste no dia 27, quando se celebrava a vossa bella festa na Igreja dos Anjos.

Continuae, meu querido Protector, a conceder-me as graças que vos peço. — *A.*

— Meu S. Antonio. Aqui vos envio 1:000 rs. pelos favores que me tendes feito; aqui fica na caixa das vossas esmolas. Muito vos agradeço. Junho de 1897. — *M. C.*

Meu Santo Antoninho. Já que me valesstes na minha afflicção e me fizeste saber quem me tinha tirado o dinheiro, e me fizeste receber o quasi todo, aqui deito 2:000 réis na caixa de vossas esmolas. Muito vos agradeço. Lisboa, no mez de junho de 1897.

*

Havia ainda mais outras cartas de agradecimento por diversos beneficios, v. g. bom resultado em exames, cura de algumas doencas, victoria sobre algumas tentações fortes, virtudes obtidas etc.

Porém, como já vae muito extensa esta humilde e desalinhada correspondencia, fico por aqui, e só peço a todos os nossos bons associados que agradeçam ao bom Santo todas as graças aqui publicadas e todas as que se não publicam por falta de espaço e tempo.

Lisboa e Parochial dos Anjos.

O Director da Pia União de Santo Antonio.

Centro Parochial do Nossa Senhora das Mercês, em Lisboa

N'este centro, antes de ter a instituição devida, porque alli se sympathisava com a nossa Pia Obra mas não se conhecia quem era o Director, e por conseguinte não se lhe pedira a competente autorisação, distribuia-se já desde Fevereiro do corrente anno o pão de Santo Antonio.

Em Maio dirigiu-se o Rev.^o P.^o Antonio Cor-

reia Ferreira da Motta ao Director Geral em Portugal, e enviando já mais de 500 nomes de associados da Pia União, pediu e obteve auctoridade para se instituir n'aquella Parochial Egreja a Obra da Pia União e Pão dos Pobres.

A partir d'essa data tem-se alli desenvolvido entusiasmo e fervor muito para louvar, e este centro animado pelos já muito consideraveis trabalhos do Snr. P.^o Antonio Correia Ferreira da Motta parece destinado a produzir grandes fructos.

Eis os progressos que lá se tem feito segundo participa ao Rev.^{mo} P.^o Director Geral o referido sacerdote, em carta de 21 de junho proximo passado:

«A principio fazia-se a distribuição só a 13 pobres, mas o Santo protector dos pobresinhos augmentou as esmolas e comecei a distribuir a 26. Antes da distribuição ha sempre missa rezada, benção do pão e pratica, havendo bastantes communhões á missa. No dia 8 de abril houve por devoção particular uma distribuição extraordinaria a 100 pobres. As esmolas desde a installação até hoje attingiram a somma de réis 40:500. Ha na caixa promessas avultadas. Grandes graças tenho alcançado com esta sympathica devoção.

Consegui por meio d'ella chamar os fieis á frequencia dos sacramentos. Oxalá Santo Antonio abençoe os meus esforços, e que eu veja augmentar a devoção com o nosso Santo nos meus queridos parochianos».

A'vante! assim é que se trabalha. — Recomendamos a todos os devotos de Santo Antonio umas necessidades urgentes que o Snr. P.^o Ferreira da Motta nos indica.

SETUBAL

Vac grande entusiasmo na cidade de Setubal pela Obra de S. Antonio. Desde a inauguração tem havido um movimento de piedade verdadeiramente extraordinario, que attesta bem alto quanto a devoção a Santo Antonio tem attractivos irresistiveis em toda a parte, e que nos é consoladora garantia de que muito ha a esperar dos habitantes d'esta encantadora cidade.

Ao Seminario de Branc'Annes, séde do Centro Local, têm corrido muitissimas pessoas a alistarse na Pia União.

Tem havido praticas todos os domingos e primeiras terças-feiras de cada mez, orando o Rev.^o P.^o Fr. Maximiano de Maria Santissima, Superior do Seminario e Director Local da Pia União.

O Rev. P.^o Fr. Antonio do Presepio tem prégado alli tambem com muita frequencia, dirigindo fervorosas exhortações aos picdosos associados. Ha reunião mensal no segundo domingo de cada mez. No dia 6 do corrente houve missa pelos associados; assistiu muita gente e houve 50 communhões. No segundo domingo do mez houve a reunião, como se estabelecera, e entraram 32 associados.

Emfim, está já resolvido que se instituirá o Pão dos Pobres na Egreja dos Terceiros, o que

nos causa verdadeira satisfação, por vermos que tambem lá irá consolar muitos infelizes o pão que a tantos tem matado a fome.

O Senhor abençoe os esforços dos que alli se dedicam com tanto affinco á Obra do Santo Thaumaturgo.

PORTO D'AVE

Soubemos que o rendimento do Pão dos Pobres n'este catholico centro fôra: em dinheiro 7:920 réis; milho 55 litros que produziram a importancia de 1:875 réis; varios donativos, 565 réis. Esmolas para a festa de Santo Antonio 2:400 réis. Total 12:760 réis.

Algumas petições encontradas no respectivo cofre

Glorioso Santo Antonio, vós que tendes todo o poder para mover a Jesus e sua Santissima Mãe, fazei com que os rogos de uma mãe afflicta pelos desregramentos de um filho sejam ouvidos; se me alcançardes esta graça darei para o pão dos vossos pobresinhos a quantia de 1:000 réis.

— Glorioso Santo Antonio offereço rasa e meia de pão para os vossos pobresinhos se permittirdes que sare, para ganhar o pão para os meus filhinhos. Tende dó de mim que sou muito pobresinha.

— Glorioso Santo Antonio, se permittirdes que eu receba o que me pertence, sem andar com a justiça, dou-vos quinze tostões para o pão dos pobres.

VILLAR

Na freguezia de Villar, patriarchado de Lisboa, houve no dia 4 do corrente uma pomposa festa ao Sagrado Coração de Jesus, precedida de um triduo de sermões prégados pelo Rev.^o P.^o Fr. José da Mãe de Deus, superior do convento de Varatojo e pelo Rev.^o P.^o Fr. Francisco da Assumpção, que é quem nos informa do que vamos dizer.

Houve a festa da primeira communhão de grande numero de creanças, e no dia seguinte, 5 de julho, fez-se uma nova solemnidade em honra do grande Thaumaturgo portuguez. A' missa solemne acolytaram os dois missionarios, e, ao Evangelho, um d'elles subiu ao pulpito, discorrendo sobre a santidade do grande vulto do seculo XIII, instruindo ao mesmo tempo o numerosissimo auditorio ácerca da Pia União e sympathica instituição do Pão dos Pobres, que ficou erecta com accordo do digno Prior d'aquella freguezia.

Já se conta grande numero de associados. Todos querem ser muito devotos do Santo.

AÇORES

O JORNAL «A UNIÃO»

Este nosso collega que se publica em Angra, no mez findo inseriu um artigo do qual, com a devida venia, vamos transcrever uma partesinha em que nos parece encontrar estampada fielmente a forma porque as creanças na sua simplicidade e innocencia costumam festejar Santo Antonio.

Eis o que elle diz:

«Santo Antonio, 13 de Junho — E' toda lendaria e radiosa a figura d'este Santo do agiologio portuguez, e quasi não atinamos a comprehender que se pretenda desvirtuar na alma do povo o culto todo poetico que d'elle formamos, todos os que, n'este dia em pequenos, nos alegramos, sentindo palpitar de prazer o coração, ao amarmos o thronosinho todo envolto em velho papel de forrar casas, em que ao alto, punhamos a imagem do milagroso santinho, com o Menino Jesus no braço esquerdo, cabeças aureoladas de esplendores de estanho, e por alli abaixo, muito torcidos, muito imperfeitos, mas que para nós tomavam o aspecto da summa perfeição, os tocheiros, os castiças, com velinhas de rolos cortados, as flôres, a custodia, o calix, o sacrario, tudo de chumbo, microscopico, sem proporções, a cinco réis a peça, que nos enebriavam, e que nos obrigavam a andar atraz do papá, da mamã, dos parentes, das visitas:

— Dê dez reisinhos para Santo Antonio! Dê...

Como isso vae longe, como nos traz dôces e saudosas recordações, e como nos aviva a sympathia pelo popular santinho, de quem á noite ouviamos como se foram contos de fadas, os milagres que tanto avultam na imaginação do nosso bom povo. Quem ha que ignore o de Santo Antonio prégando aos peixinhos; o de salvar o pae da forca, de que tanto se aproveitaram artistas e poetas, e de que a musa popular se inspirou em quadras e romances?...

Festejos em varios pontos do paiz

No Porto — No domingo que precedeu o dia do Santo houve distribuição de 180 broas aos pobresinhos; a distribuição foi feita pela Irmandade de Santo Antonio com o producto de esmolas encontradas na respectiva caixa para esse fim.

Na capella de S. Roque da Lameira — Foi o nosso thaumaturgo festejado nos dias 3 e 4 de Julho, havendo na vespera illuminação e vistoso fogo de artificio, e no dia missa solemne pela acreditada capella Badoin, sermão pelo eloquente conego Alves Mendes e SS. exposto.

Em Guimarães — Diziam de Guimarães para o nosso illustre collega *A Palavra* em 16 de Junho:

«Foi brilhante a festividade realisada no domingo ultimo na igreja da Ordem Terceira ao grande thaumaturgo portuguez. A illuminação e fogo do sabbado foram deslumbrantes. As musicas executadas foram do maestro Gessi: *Te-Deum* e vespersas. O orador fallou primorosamente por espaço de 17 minutos, enaltecendo os altos sentimentos do devoto que promoveu tão brilhante festividade, mostrando ao mesmo tempo o grande poder do nosso Santo Antonio».

Lamego — Na igreja da Sé d'esta cidade houve missa solemne, a grande instrumental, e vozes em honra do nosso Santo; fez o panegyrico o Rev.º Abbade de Loureiro.

No largo do Assento — Houve tambem festa com grande illuminação e fogo. Em meio de muito povo tocou no local a tuna dos artistas.

S. Pedro da Cadeira — Participaram-nos que os associados da Pia União promoveram alli uma

solemne festa a Santo Antonio, com exposição do SS., bons cantores e acompanhamento a *Harmônio*; prégou o Rev.º P.º Antonio Fernandes Poço; as despezas correram por conta dos associados. No dizer do povo d'aquelles sitios nunca alli se fizera festa tão pomposa. O bom Santo os ajudou a repetir muitas vezes o que tão boas impressões deixou.

Ponte do Lima — Celebrou-se n'esta villa uma luzida festa ao nosso Santo, correndo em meio de grande entusiasmo. Deu grande brilhantismo aos festejos o meritissimo Juiz da solemnidade, o Snr. Dr. Maia, bem como os dignissimos mesarios concorrendo com todos os esforços ao seu alcance para que a festa a Santo Antonio restitisse a maior pompa.

O altar, ornado de flôres e açucenas, segundo nos disseram, era d'um effeito surpreendente, dando ao templo magnificamente decorado, um aspecto singularmente magestoso. Salientaram-se n'este piedoso intento varias senhoras, particularmente a Snr.ª D. Rosa Augusta Rodrigues Leitão.

Cantou a missa o Rev.º Prior d'aquella freguezia, e pelas 5 horas da tarde prégou o Rev.º P.º Celestino. Houve tambem uma vistosa proeissão com o Santissimo, que seguiu na melhor ordem em todo o percurso, e distribuiram-se 150 pães de milho aos pobresinhos.

Bemdito seja o nosso Santo Antonio!

Em Barbudo — Houve no dia 18 do corrente, uma festa muito religiosa, com sermão pelo Rev.º Director Geral da Pia União em Portugal. Como nas outras partes, S. Antonio conta grandes sympathias entre aquelle deyoto povo, e já d'esta vez dispoz de capital sufficiente para alimentar mais de 90 pobresinhos.

Recebemos de lá bom numero de petições a que daremos publicação no seguinte numero da «Voz».



ESTRANGEIRO

ITALIA — ROMA

Lemos no nosso presado collega da capital, o *Correio Nacional*:

Roma, 14 de Junho de 1897.

A devoção a Santo Antonio, que poderemos chamar italo-portuguez, depois da celebração, promovida especialmente pela catholica Lisboa, do seu ultimo centenario, se era já grande, tornou-se maior ainda na Italia e de um modo particular em Roma. Um grande numero de igrejas d'esta cidade, que não tinham um altar consagrado a Santo Antonio de Lisboa, — que aqui se chama de Padua, — teem-n'o actualmente, ou se o não teem podido dedicar a este grande Santo popularissimo, teem-lhe erguido estatua ou uma capellinha em qualquer parte da igreja, collocando ao lado d'ella uma caixa para as esmolas dos fieis, com a inscripção: «Para o pão de Santo Antonio», que depois se distribue aos pobres.

Todas estas igrejas festejaram hontem mais ou

menos solemnemente o dia de Santo Antonio. Assignalam-se, porém, de um modo particular, as egrejas de Santo Antonio na via Merulana, a de Santa Maria *in Araceli*, a dos Santos Apostolos, a das Chagas, etc., etc.

Na igreja nacional portugueza de Santo Antonio, a sua festa annual foi hontem solemnizada, como nos annos antecedentes, devido aos cuidados do Instituto que a ella preside, e ao zelo do seu reitor Mons. Arthur de Bessa.

O magnifico templo estava admiravelmente ornado de flôres frescas de plantas verdes, e ricamente illuminado. A' missa cantada assistiam, em cadeiras douradas, junto á capella-mór, S. Ex.^a o Snr. Dantas, embaixador de Sua Magestade Fidelissima junto da Santa Sé, com todo o pessoal da Embaixada em uniforme, e, em uniforme tambem, o encarregado dos negocios de Portugal junto do Quirinal.

Tanto na missa solemne como á tarde, durante as ceremonias religiosas que alli se celebraram, a musica foi executada pelos melhores cantores das capellas de Roma.

De Verona e Vicenza a Padua

Os membros da Ordem Terceira de S. Francisco, de Verona, por occasião do 25.º anniversario da aggregação de Sua Santidade Leão XIII á dita Ordem, resolveram ir em peregrinação a Padua aos pés do grande thaumaturgo portuguez. Os organizadores e directores da peregrinação foram o Rev.º Provincial dos Franciscanos e o Rev.º P.º José, da mesma Ordem. A multidão na estação de Verona, á partida do comboio, era enorme.

Contavam-se entre os piedosos peregrinos Terceiros o nobre conde de Ravignani, a condessa Cartolari, a marqueza Attala Fumanelli, muitas senhoras da alta sociedade, grande quantidade de sacerdotes, muitos arciprestes das provincias e muitas outras pessoas gradas que não podemos enumerar, sem esquecer grande numero de religiosos Observantes, Reformados e de outras ordens religiosas.

O comboio, expressamente fretado para este fim, compunha-se de 34 *wagons*. Em S. Martino de Vicenza incorporaram-se muitos Terceiros que, juntos aos de Verona, perfazem o numero de 2:500.

Chegados a Padua, seguiram todos na melhor ordem para a igreja do Santo, apinhando-se todos em volta do altar em que se acha incorrupta a lingua do grande portuguez. Abeirar-se da urna, tocá-la e beijá-la, era o desejo e suspiro de todos os corações.

Celebrou o santo sacrificio, no altar da urna, o Bisp, e, nos restantes altares, mais de cem sacerdotes. Em seguida á missa houve uma eloquente pratica, e, em seguida grande reunião em honra de Santo Antonio; foi enviado um telegramma de felicitação ao Santo Padre, exposição do SS. Sacramento, *Si queris* solemne e *Te-Deum*.

Por ultimo deu-se a beijar a reliquia do Santo, e assim se retiraram os peregrinos levando sentimentos de terna devoção ao nosso thaumaturgo.

FRANÇA

Santo Antonio e o incendio do Bazar de Caridade — O Protector dos pobresinhos e afflictos fez brilhar um raio de sua bondade em meio das angustias d'esse drama cheio de horror.

Duas senhoras da familia Sergent d'Hendecourt naturaes da Bretanha, foram ao Bazar de Caridade. Uma d'ellas ficou gravemente queimada, a outra saiu sã e salva completamente. Eis como isso se passou:

Na terça feira, ás 4 horas, quando se manifestou o incendio encontrava-se ella bastante longe das portas. Os gritos e a agitação lançaram-n'a immediatamente n'um espanto e assombro indescriveis. Viu sua irmã fugindo com os vestidos a arder; viu um grupo de senhoras que rodeavam a duqueza d'Alençon apressando-a para que sahisse; viu as chammas que se levantavam em medonhas espiraes ao longo da abobada e por cima da sua cabeça; contemplou n'um momento este spectaculo estranho, mas, como fugir?

Montões de corpos se levantavam deante de cada porta debatendo-se em meio d'um turbilhão de lavaredas e fumo. Lembrou-se de Santo Antonio, e invocou-o assim: «Bom Santo Antonio, que ha cinco annos me recusaes tudo o que vos peço, escutae-me hoje ao menos». Faz um voto especial, benze-se e precipita-se immediatamente para o logar em que se acha aquella barreira humana, invocando o Santo. Após alguns esforços inuteis cahe entre os mortos e agonizantes.

Alguns minutos depois, salvadores intrépidos veem remexer o triste montão que se elevava por detraz da porta. Tinham cahido muitas pessoas sobre a senhora d'Hendecourt e os cadaveres d'essas pessoas estavam já em parte carbonisados. Iam já a retirar-se aquelles homens ousados, quando um d'elles diviso uma mão a agitar-se. Correm logo todos em socorro, e arrancam d'entre aquella massa humana a senhora d'Hendecourt que não tinha soffrido a minima queimadura. Santo Antonio havia-a preservado. Mais um milagre estupendo do grande portuguez.



RECOMMENDAÇÕES

Pedimos a todos os assignantes da «Voz» e membros da Pia União que se lembrem perante Deus de quatro grandes necessidades que nos foram recommendadas em especial.

Além d'isto queiram tambem pedir pelo prompto e favoravel despacho de todas as petições que se encontram deante dos altares de Santo Antonio em todos os centros em que já está instituida a Pia Obra do Pão dos Pobres.

Foram entregues 500 réis para uma missa a S. Antonio, com uma supplica que muito recommendamos a nossos leitores.



*Pie Jesu Domine,
Dona eis requiem, Amen.*

OS NOSSOS DEFUNCTOS

Cobre-se de luto a nossa humilde revista! Falleceu o Ex.^{mo} Snr. Dr. Antonio Brandão Pereira! Como sabem todos os nossos estimaveis assignantes, era este senhor o Editor Responsavel da «Voz de S. Antonio».

E' grande a dôr que sentimos com o seu passamento por esse motivo, e pela immensa falta que nos

veio trazer a perda de um caracter tão nobre e religioso.

Não somos nós os unicos a sentir esta enorme perda; são os seus numerosissimos amigos, e a cidade de Braga, onde a sua morte foi geralmente sentida, porque o seu vigoroso talento e as distinctas qualidades de espirito que possuia, o impunham á estima de todos, salientando-se sempre pela honradez de caracter e vasta illustração, unidas a uma singular convicção nos seus principios religiosos, que sabia defender digna e desafogadamente. Braga perdeu n'elle um dos vultos mais devotados á causa religiosa, e um prestimoso cidadão que de ha muito havia conquistado o respeito e a admiração de todos.

Contava 54 annos e foi victimado por uma lesão cardiaca, que ha mezes o trazia n'um continuo soffrer. Aos officios funebres assistiram todas as pessoas mais distinctas de Braga. Foi sepultado no dia 21 do corrente. Pedimos aos nossos leitores uma prece muito particular pelo seu eterno descanço. Enviamos sentidos pesames á illustre familia enlutada.

D. Julia Maria Antunes de Souza Coelho, saudosa esposa do sr. Albano Coelho, redactor do «Commercio do Minho».

D. Maria de Freitas, da rua dos Chãos, Braga.

José Antonio Martins, de Beiriz, o *Rev.º Reitor de Modivas e Benedicto Alves Coelho*, assignantes da «Voz».

Maria Benedicta Veiga, mãe estremecida do nosso assignante e fervoroso propagador da «Voz de S. Antonio», *Victor Amadeu Veiga*. A este senhor apresentamos os nossas sentidos pesames e pedimos nos releve não ter publicado o necrologio que nos remetteu, porque ao tempo que o recebemos já era grande a abundancia de original para a «Voz».

D. Carlota Joaquina Dias, avó do proprietario do nosso presado collega do Porto «A Palavra».

R. I. P.



Secção Scientifico-litteraria

O HOMEM

(Continuação do n.º 6)

CAPITULO II

ANTHROPOLOGIA

Origem e destino do homem, segundo a philosophia

CONSIDERAÇÕES GERAES



HUMANIDADE atravessa hoje uma das crises mais dolorosas em que o erro se occulta sob os nomes mais seductores e se cobre com o manto da sciencia afim de abrir caminho entre as massas populares e negar a ideia de Deus e da alma immortal.

Diriamos ter chegado a epocha fatal, já prophetisada, em que o homem andará em cata das fabulas as mais engenhosas para entreter a sua incredulidade voluntaria e deixar-se dormir em seus braços traidores. Esta guerra acintosa, declarada á Revelação em nome da Sciencia, deve despertar no peito de todo o christão que ainda conserva amor ao bem espiritual, um desejo vivissimo de contribuir, á medida das suas forças, para a defesa da verdade conculcada, e sustentar que a fé e a philosophia christã não são incompativeis com a liberdade da sciencia. E' este o nosso intento.

Examinemos primeiro o estado dos espiritos.

Não é de nossos dias que se suscitou a questão da crença em Deus e da ordem sobrenatural, mas hoje, esta crença e esta ordem superior acham-se como que esmagadas debaixo da acção impolgante da sciencia moderna. Contrapõe-se o scepticismo á certeza metaphysica ou religiosa, porque se reputa duvidoso quanto não está *experimentalmente* demonstrado. «A invasão pertinaz e ameaçadora do positivismo, diz C. Newman, as suas variadas e successivas transformações, a sua evolução logica e rapida para o nihilismo, constituem um phenomeno mais vasto e temivel que a explosão da mais atrevida heresia».

O caracter proprio da guerra religiosa actual é eminentemente scientifico.

Para tranquilisar as consciencias timoratas ha um só meio: arrostar o novo problema e á mentira scientifica oppôr a verdade scientifica.

Que posição será conveniente tomar para combater o erro moderno?

No vasto dominio das sciencias humanas é facil reconhecer tres regiões distinctas:

1.^a Phenomenos materiaes, factos positivos, causas immediatas e leis que os governam, isto é, o universo inteiro: é o objecto da sciencia.

2.^a Factos intellectuaes e moraes observados á luz da consciencia, causas substanciaes, questões d'origem e finalidade, realidades d'uma ordem superior, conhecidas pelas luzes naturaes da razão: vem a ser este o dominio proprio da philosophia.

3.^a Relações da creatura com o Creador, destino immortal do homem, conhecido pela luz sobrenatural: tal é o objecto que constitue o dominio da theologia.

A verdade scientifica, a verdade philosophica, a verdade religiosa, reflectem os variados aspectos de uma só e mesma verdade eterna; são raios do mesmo sol, manifestações multiplas da mesma luz.

A escola positivista colloca as questões de origem, de causa prima e de causa final, fóra da orbita da observação sensível, o que é verdadeiro; mas accrescenta que são absolutamente inacessíveis á razão, e é este o seu erro capital.

A escola materialista nega toda a auctoridade ás sciencias moraes, monopolisa todos os problemas metaphysicos e religiosos, e pretende resolvel-os. Uns e outros, materialistas e monistas, registam o *immaterial*, desbaratam a metaphysica e a theologia.

Estas escolas chamam em seu soccorro: a critica historica a fim de escurecer a fé religiosa escurecendo as origens do christianismo; a falsa sciencia, a fim de convulsionar a fé metaphysica desprezando as origens do universo e do homem. Emfim, o materialismo contemporaneo serve-se das sciencias da natureza para negar a Deus e a alma humana, para sustentar a identidade do homem e do irracional.

Qual é a auctoridade racional d'estas tres ordens de conhecimentos — Sciencia, Metaphysica e Fé?

«A sciencia positiva, diz Berthelot, não indaga as causas primas, nem o fim das cousas; mas procede apontando factos e ligando-os uns aos outros com nexos immediatos». — «O caracter essencial de qualquer factio historica, dizia Claudio Bernard, é ser determinado, ou, pelo menos, determinavel». — «Toda a sciencia dos factos, escreve Ampère, compõe-se primeiro d'hypotheses que se convertem em leis mais ou menos certas, segundo o grau de experiencia que as confirma».

Este é o methodo scientifico. E' este o seguido pela geologia, sciencia complexa, ainda envolta em densa caligem, entretecida de problemas, semeada d'hypotheses, mas já de posse de verdades importantes. «A physica moderna, tomada em globo, é uma grande hypothese em vias de confirmação», affirma Ernesto Naville.

A Methaphysica ou Philosophia Superior, denominada tambem Ontologia e Protologia, comprehende a essencia das cousas, os superiores principios, as causas mais nobres do conhecimento da existencia.

E' quasi como o espirito, ou como o pensamento. Não se pôde negar a Metaphysica senão com a Metaphysica; isto é, não é possível fazel-o sem contradição manifesta.

«A Metaphysica, diz ainda Claudio Bernard, occupa a essencia da intelligencia; não podemos fallar senão metaphysicamente: e por isso não sou do numero d'aquelles que julgam podermos passar sem ella. Sou, porém d'opinião que é mister estudar bem o papel que ella desempenha na concepção do mundo externo, para se não ser victima das illusões que poderia crear no nosso espirito».

Pelo seu lado, Barthélemy Saint-Hilaire affirma que a Metaphysica é mais necessaria á Sciencia, do que a Sciencia á Metaphysica. A Metaphysica não sómente encerra a certeza que lhe é propria, mas é ella mesma o principio de toda a certeza, porque não ha uma só que mais ou menos se não derive d'ella.

Para se haver a convicção da auctoridade racional, rigorosamente scientifica da fé, basta recordar os ensinamentos elementares da Logica, relativos aos caracteres infalliveis que distinguem a verdade do erro, os tres criterios da certeza: evidencia immediata, evidencia do raciocinio, evidencia da auctoridade; e convencer-se que não ha uma só verdade dogmatica que não se funde em alguma d'estas bases de todos os conhecimentos.

O auctor da *Vida de Jesus* ousou escrever o seguinte periodo na *Revista dos Dois Mundos*: «Não se pôde negar que o fundamento da escolastica (isto é da theologia christã), é o racionalismo puro: n'este systema, a razão tem o primeiro lugar, está acima de tudo, prova tudo, prova a Revelação, a divindade da Escripura, a divindade da Igreja... E' um edificio cujas pedras se acham fortemente ligadas por grossos anneis de ferro; mas a base é d'uma fraqueza extrema».

«Esta base é o tratado da Religião... porque não se conseguiu demonstrar que se deu um só factio sobrenatural, um milagre (litré)... Este é o obstaculo que jámais será removido».

Na *Revista das Questões Historicas* (janeiro, 1883) Vigouroux, respondendo a Renan, remove esse grande obstaculo por esta simples reflexão: «O Christianismo não se apoia no milagre, como em seu fundamen-

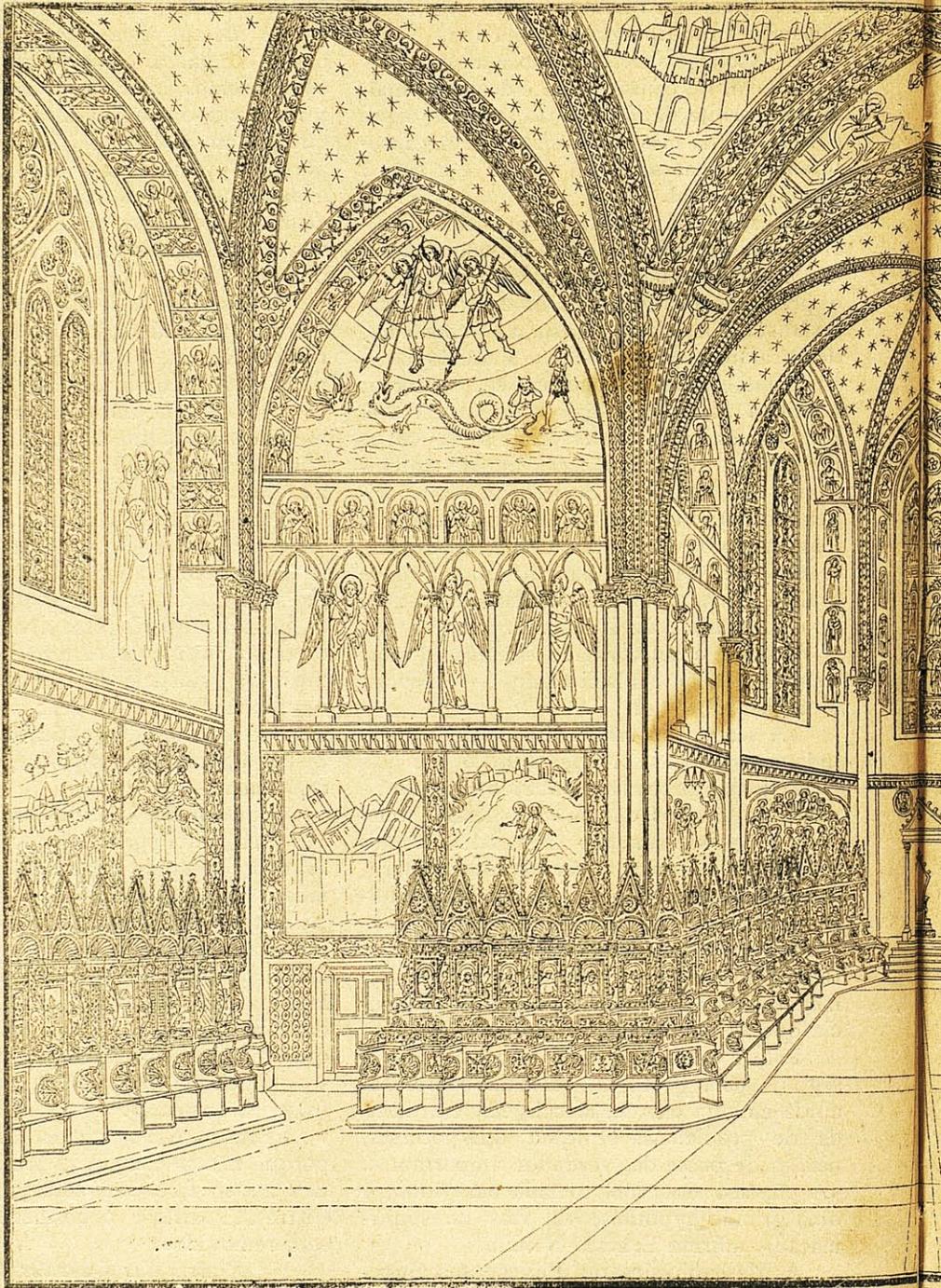
to *primario*; é um facto historico, baseado em documentos historicos, que demonstram historicamente a realidade dos milagres... Ou o milagre é possível ou Deus não existe; ou é real ou a historia não tem valor algum».

O facto da Revelação demonstra-se como qualquer facto historico. E' unicamente á luz da evidencia e da certeza historicas que a razão reconhece o caracter divino das origens do Christianismo. Os factos d'esta natureza não se podem demonstrar pelo methodo experimental, do mesmo modo que a existencia de uma personalidade historica, Cesar, por exemplo, tambem se não prova por aquelle methodo.

A razão nada perde reconhecendo a auctoridade da fé, e diremos com o illustre Pasteur, no seu discurso de admissoão na Academia de França: «Se perdessemos estes ideaes, as sciencias

ficariam privadas d'aquella grandeza que derivam das suas secretas relações com as verdades infinitas... e pergunto em no-

me de que descoberta se pôde arrancar á alma humana estas tão elevadas quanto nobres concepções».



GRANDIOSA ABSIDE E CRUZEIRO DA BASILICA

Para que a auctoridade da Sciencia, da Metaphysica e da Fé possa produzir os seus fructos, é indispensavel que cada uma ope-

re dentro dos limites que lhe são proprios, segundo a esphera de seus direitos e deveres respectivos, traçados na Constituição

resultado da experiencia. As condições da Apologia christã em face da sciencia moderna devem estar sempre em harmonia com

as necessidades e aspirações do seculo.

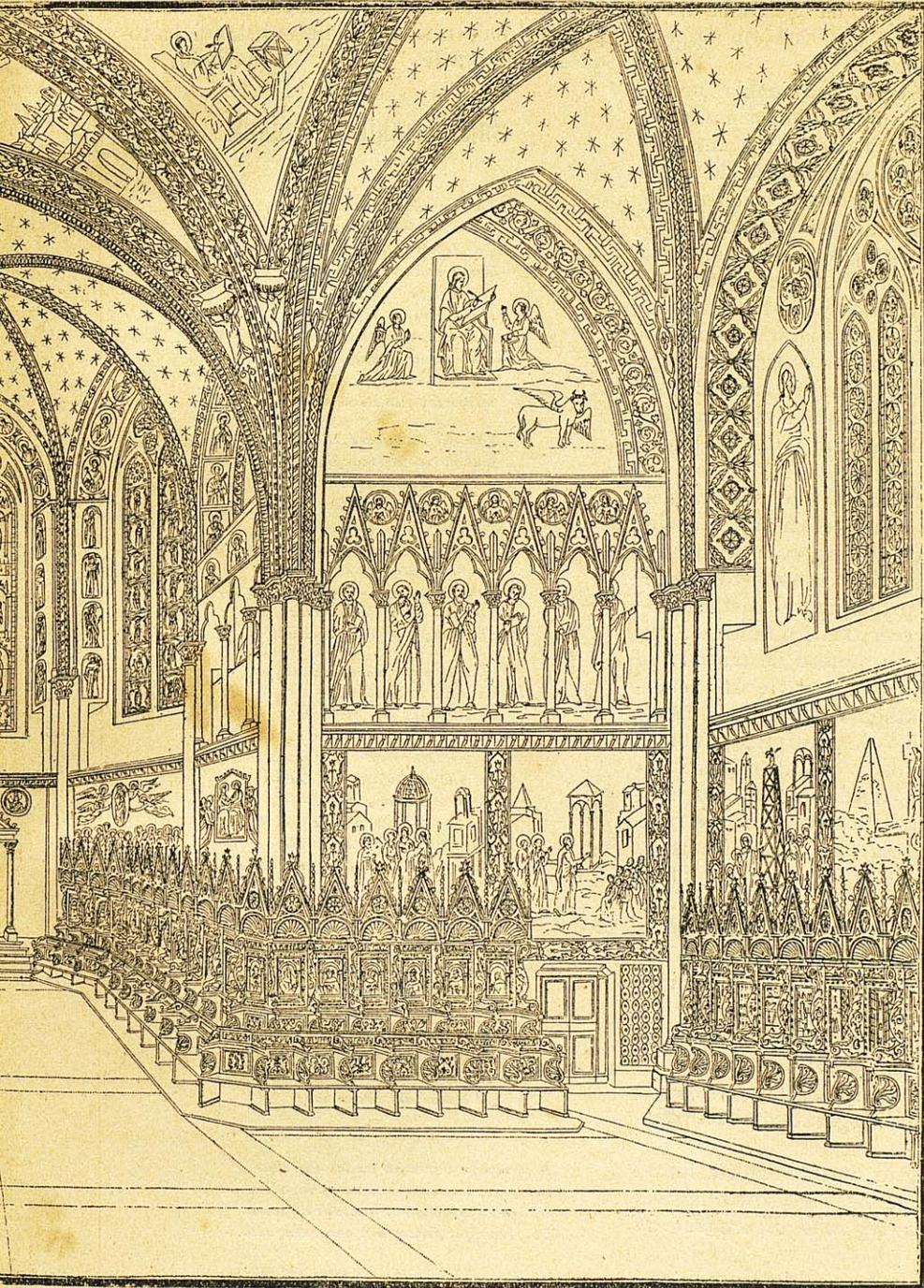
O primeiro prurido dos espiritos actualmente em revolta contra a auctoridade da fé, é aquella avidéz intensa, aquella pretensão extrema de se pôrem ao corrente de tudo.

«Nada pôde dispensar-nos, diz o professor Clifford, do dever que a todos se impõe de questionar sobre tudo quando cremos».

O scepticismo puro sangue, real, tem raizes profundas e propaga-se com rapidez. Professa submissão cega á Sciencia, devotando-se-lhe até abdicar da consciencia e da propria independencia pessoal. Tal é o segundo caracter. «Tudo quanto no dominio dos sentidos circumda a nossa vida, pertence-lhe, diz o mencionado auctor, e

diariamente lhe presta homenagem sincera».

Assim vivem pois os espiritos, de sce-



SUPERIOR DE S. FRANCISCO EM ASSIS

ampla, justa e racional do Concilio do Vaticano. Em resumo: a Igreja julga o resultado das especulações doutrinaes, e não o

pticismo e feticchismo; de scepticismo religioso e de feticchismo scientifico.

Accresce ainda a opinião propalada pela escola positivista: que na Sciencia ha o monopolio da certeza, que está em opposição com a Religião.

Na epocha presente, a Sciencia verdadeira deve ser tida em grande estima, deve acolher-se como alliada necessaria, amada e praticada, segundo a bella phrase do sabio Kepler: «conhecer a verdade scientifica é meditar os pensamentos do Creador». E' mister tambem illustrar-se com ella, enriquecer-se de doutrina eminente e variada, repleta de conhecimentos dos tempos modernos, a fim de se tornar facil, como dizia ha pouco Leão XIII, a lucta contra os adversarios, ordinariamente bem preparados, contumazes na controversia, que traiçoeiramente se fornecem d'armas em todos os arsenaes da Sciencia.

Uma das difficuldades que se apresentam no campo da Apologetica são, sem duvida, as relações da Biblia com a natureza, d'onde nascem systemas oppostos: principio concordista, principio idealista.

Segundo o parecer dos primeiros, a Biblia encerra um sem numero de textos que visam factos de Sciencia pura: é um accordo positivo. O systema idealista relaciona-se á escola judeo-alexandrina, e conta, como do seu gremio, os grandes genios da antiguidade christã, desde os celebres mestres do *Didascolo* até S. Agostinho: «A Sagrada Escriptura nada tem que vêr com as sciencias profanas... o seu fim é sempre religioso».

Deante d'estas duas correntes oppostas, apresenta-se a nossa theoria *concordista-idealista*, na qual, conservando o principio da inspiração, se distingue habilmente a verdade scientifica absoluta da verdade relativa; a linguagem *scientific* da linguagem *veridica*. E' a liberdade da exegese em tudo o que não está dogmaticamente definido.

As regras a seguir n'esta materia foram estabelecidas pelo padre Vigouroux na sua *Cosmogonia Biblica segundo os Padres da Igreja*.

Em frente das variações do livre-pensamento e do positivismo contemporaneo, é-se levado a separar, na polemica, as conclusões rigorosamente demonstradas, das affirmações ainda incertas, e a combater os systhe-

mas prematuros ou certamente falsos, contrarios á fé e á razão.

A *Exposição da Doutrina Christã* de Bossuet resume admiravelmente na sua expressão mais nitida e mais substancial: toda a fé e só a fé. (Continúa).



SANTA MARIA DE BELEM

I

*Salvé templo venerando,
Salvé rendado Belem!
Que lembranças d'outras eras
Teu portal gravadas tem!
Na vistosa frontaria,
Das naves na laçaria,
Nas pratas do teu altar,
Em teus arcos magestosos,
Em teus claustros espaçosos,
Memorias que é bem cantar!*

*Que diz essa torre linda,
Que parece de mar fim,
Sobre o Tejo segredando
As ondas que vão sem fim?
Esse mosteiro, tão bello,
N'esta praia do Rastello
Ao mariante o que diz,
Senão memoria d'outrora
Quando Lysia foi senhora,
Quando foi grande e feliz?*

*Quatro naus empavezadas
Se viam aqui surgir;
E na praia mil abraços
Aos fortes que vão partir.
E' de Deus a voz que o chama:
Lá vão com Vasco da Gama
Cento e setenta, não...
Cento e setenta só vejo!
Que importa? São de sobejo;
Não busques quantos, mas quaes!*

*Embarcam: e o cabrestante
Oigo a compasso ranger;
A companhia pela enxarcia
As velas a distender,
O pendão no tope içado
Já tremula desfaldado;
Levantou-se o portaló,
Largam mezena e cutello:
Adeus Tejo, adeus Rastello!
Já o mar descobrem só.*

II

*E correm, e voam por ondas infindas,
Por pégos immensos, além, mais além...
Os mezes se passam; e novas algumas
Dos fortes que foram não sabe ninguém.*

*Da praia na ermida, por elles rogando,
O pio monarcha faz votos ao ceu:
«Guiae-m'os, ó Virgem; se vingam a empresa,
Aqui tereis logo sublime trophheu».*

*Grande rei, para o teu sceptro
E' pequeno este torrão;*

*Novos mares novas terras
Hão-de entrar em teu quinhão.*

*Muito além do mar escuro
Outro mundo será teu:
Seres rei de cem monarchas
E' condão que Deus te deu.*

*De Belem a Estrella sancta
Aos teus nautas sobreluz:
Vai com elles o Evangelho,
São arautos de JESUS.*

*São elles que longe da terra adorada,
Da terra d'encantos que os vira nascer,
Mil transes correndo, rocifes, tormentas,
Dos mares o espanto procuram vencer.*

*Do cabo em demanda, na torrida areia
Sofala os vin já, Quelimane tambem;
Depois Moçambique, Mombaca, Melinde:
A India, eis a India descobrem além!*

*Mil ricos penhores do rico Oriente
O Gama recolhe p'ra o seu Portugal,
Venceu na porfia... De gloria cobertos
Voltae, valorosos, à terra natal.*

*Voltae, que esperando por vós sobre a praia
O vosso monarcha faz votos ao ceu,
Que já, por lembrança da heroica jornada,
Um templo grandioso erigir prometteu.*

*Já voltam... já surgem no Tejo anilado,
Duas naus que das Indias o mar respeitou,
Quem sois? — Um vassallo que ao rei venturoso
O Imperio dos mares afinal sujeitou!*

III

*Eis à praia do Rastêllo
Cavalgando chega el-rei,
De fidalgos rodeado,
Fidalgos todos de lei:
Vem receber o valente
Que ao penhão da lusa gente
Um oceano rendeu;
Aos pés de SANTA MARIA,
Vem admirar a ousadia
Da fé, que tudo venceu.*

*E por memoria do feito,
E d'essa fé por padrão,
Surge Belem no Rastêllo,
Tropheu d'alta gratidão.
E' o que dizes, templo sancto!
Tu tens de glorias um canto
Escrito nos arcos teus:
O monarcha afortunado
Quiz-te vêr aqui fundado
Por gratidão ao seu DEUS.*

*Salvé templo venerando,
Salvé rendado Belem!
Que lembrança d'outras eras
Teu portal gravadas tem!
Das naves na laçaria,
Na vistosa frontaria,*

*Na custodia singular,
Aberto, letra por letra,
Este mote se solettra:
Lysia rainha do Mar.*

Campolide, 1864.

CARLOS I. RADEMAKER



As nossas illustrações

Vista do interior da basilica de S. Francisco em Assis por sobre o sepulchro do mesmo seraphico Patriarcha.

Em nosso numero de maio algo disse-mos ácerca da monumental basilica; hoje mais algumas palavras accrescentaremos.

Tem ella tres egrejas sobrepostas uma por cima d'outra.

A sua fórma é a de uma cruz latina.

O forasteiro que pela vez primeira entra este templo magestoso fica maravilhado e attonito perante tantos prodigios da arte.

A egreja superior é ampla, mui bem proporcionada e de arrojada estructura. Suas paredes, abobada e janellas estão forradas de pinturas onde se evidenciaram grandes talentos.

O altar mór é obra prima d'arte. Todo de marmore; de fórma dupla e com uma só meza é dividido ao meio por seis gigantes-cos candelabros que fazem a divisão dos dois altares: um onde celebram os sacerdotes e outro onde só o Papa pôde sacrificar.

Ha tambem n'esta capella duas obras que muito a realçam e engrandecem: o solio pontificio e o monumental coro.

O solio foi mandado fazer por Gregorio IX; sua traça é obra do esculptor florentino Fuccio. Os baixos relevos de que está ornada são d'uma perfeição inexcédível.

A' direita e á esquerda do throno pontificio assenta o coro com cento e cincoenta e duas cadeiras. Muito ha que admirar na sua talha, obra de muito gosto e grande perfeição. O que mais porém enleva os olhos do observador que visita esta basilica são as ricas e mimosas pinturas que lhe vestem as paredes. Foi aqui que começou o renascimento da arte e aqui mesmo attingiu sua culminante perfeição. Aqui se immortalisou o pincel de Giunta Pisano, Cimabue e Giotto.

Giunta Pisano pintou o presbyterio e suas paredes lateraes; Cimabue a parte superior lateral da Basilica, onde traçou com sentimento verdadeiramente religioso os

principaes factos do Velho Testamento ; Giotto expoz em vinte e oito quadros a vida do glorioso Patriarcha S. Francisco d'Assis e n'elles mostrou toda a pujança do seu talento artistico e o gosto delicado que o guiava na harmonica disposição do colorido.

Outras noticias mais daremos ao passo que se forem publicando as gravuras concernentes a esta grande basilica.

* * *

Jesus em pranto.

Venera-se esta devota imagem no Seminario de Varatojo. Sem que lhe possamos chamar obra prima d'arte, não podemos deixar de dizer que é correcta e de não somenos perfeição. O menino com os olhos velados por uma nuvem de lagrimas contempla a cruz que leva nas mãos, e a ella abraçado chora pranto copioso que lhe sulca as faces infantis e vae regar a terra. Este pranto tão significativo, esse ar tão melancolico em menino tão tenro traduz n'elle, em Jesus, o amor ardente que lhe consome o coração e as ancias que tem de soffrer por nosso amor.

O povo de Varatojo consagra-lhe grande devoção e é conhecido ordinariamente com o titulo de *Menino Chorão*.

* * *

Grandiosa abside e cruzeiro da basilica superior de S. Francisco em Assis.



BIBLIOGRAPHIA

Senhor, Não! — Por Thomaz Ribeiro.

Ao 3.º numero do *Mensageiro*, periodico creado pelo laureado escriptor o Snr. Thomaz Ribeiro, serve de titulo a emphatica negativa que supra mencionamos.

Esse titulo synthetisa todo o trabalho.

O Sr. Conselheiro Thomaz Ribeiro, um Portugal Velho, como elle mesmo se intitula, achou indigno para os nossos brios nacionaes, que elle tanto preza, convocar estrangeiros á celebração do centenario da descoberta da India. Porque, diz elle, esses estrangeiros, escarnecem-nos quando nos deviam, pelo menos, respeitar. Fazem-nos visões, quando a verdade é que mais

nos devem elles a nós, do que nós lhes devemos a elles.

A obrasinha, pequena na molle, mas collosal no merito, é dividida em duas partes. Na primeira, em prosa, analysa o programma dos festejos centenares e applicalhes a critica, explicando tambem os motivos do seu opusculo. Na segunda parte, em poesia, expõe os seus queixumès a El-Rei, ridiculisa o aquario e termina com o canto que composera para o centenario de D. Henrique, mas que só agora foi publicado. Nada dizemos do merito litterario d'este excellente opusculo. Basta o nome do escriptor para o recommendar e fazer presuppôr as bellezas litterarias que elle encerra. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Plan'Alto do Sul de Angola — Missões portuguezas Caconda, Catoco, Bihé e Bailundo.

— *Comunicação feita à Sociedade de Geographia de Lisboa pelo Padre Ernesto Lecomte.*

Pela Procuradoria Geral das Missões do Espirito Santo do Congo e Angola foi-nos attentiosamente enviado um opusculo que tem por titulo o supra mencionado. Agradecemos cordealmente a gentileza da offerta. Tiveramos a consolação de ouvir o distincto missionario P.º Lecomte, da benemerita Congregação do Espirito Santo, em uma importante conferencia que fizera n'esta cidade, mas ainda assim lemos com grande prazer a edição d'esse discurso.

D'elle se releva a importancia das numerosas missões que os infatigaveis padres do Espirito Santo teem estabelecido na nossa Africa, a preço de tantos sacrificios e vidas. E' curioso lêr este breve trabalho, porque muito ha allí que aprender. O systema imminetemente pratico de que se tem servido para conseguir a sympathia do selvagem, sempre arreçado do branco, que elle não costumava vêr senão para ser explorado, algemado e vendido.

Ao mesmo tempo vê-se quanto é facil civilisar a Africa por meio das Missões Catholicas, unico expediente valioso, quando bem secundadas pelos governos.

São já consoladores os resultados que os benemeritos padres do Espirito Santo teem recolhido das suas fadigas, e oxalá a Patria os reconheça e recompense, como elles merecem.

A eleição de Braga — E' um protesto levado ao Supremo Tribunal de Verificação de Poderes, contra a eleição de deputado feita em Braga a 27 de Junho. O auctor funda-se em varias irregularidades que diz terem sido commettidas, pedindo a annullação da eleição. Corroborá os seus argumentos com doutrina do Ex.^{mo} Snr. José Luciano, presidente de Conselho de Ministros.

Primeiras paginas — pelo P.^e Antonio Hermano.

E' um livro de 160 paginas. *Primeiras Paginas* é este o livro que o illustrado auctor publicou e a que chama «vibrações singelas» que «não quiz deixar dormir na campa raza das publicações periodicas», e por isso as recolheu e depositou «n'esta urna — o livro».

A «Voz de Santo Antonio» recebeu a delicada offerta, e, ainda que, fiada na palavra do Rev.^{mo} P.^e Hermano, a principio julgou que era realmente uma urna, onde elle depositára religiosamente as «vibrações singelas», principiou de examinar bem esse conjuncto de vibrações, e pareceu-lhe antes um ramalhete ou uma tela que uma urna.

Modos de vêr. E' um *bouquet* delicadissimo, como poucos; é um quadro, releve-nos o Rev.^{mo} P.^e Hermano a comparação, em que o auctor quiz exhibir aos amadores da arte as minucias que fazem destacar cada uma das suas figuras. Mas é um quadro singular, que caracteriza e retrata o seu auctor; é um quadro que, se não tem a natural despretenção e encantadora naturalidade das escholâs italianas, brilha com os primores da arte e com a exquisita e escrupulosa singeleza da eschola allemã.

As *Primeiras Paginas* são, pois, um ramalhete que pôde perfumar o sanctuario do homem de lettras, e um quadro que pôde servir de ornamento ao museu de um litterato.

A Redacção da «Voz de Santo Antonio» agradece pois a honra da delicadissima offerta.



CHRONICA UNIVERSAL

PORTUGAL

Centenario de Vieira

BASSOU no dia 20 o 2.^o centenario da morte do Padre Antonio Vieira, o principe dos classicos portuguezes. E felizmente que não passou de todo despercebida essa data gloriosa, porque um grupo de admiradores do grande portuguez entendeu dever commemoral-a.

O programma do centenario era este :

Dia 13 — Conferencia do rev.^o Conego Senna Freitas — *Synthese da vida de Vieira*.

Dia 15 — Conferencia pelo snr. Fernando de Souza — *Vieira politico e patriota*.

Dia 17 — Conferencia do snr. Fernando de Souza — *Vieira, moralista*.

Dia 18 — Conferencia pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo de Himeria — *Vieira missionario*. N'este dia bi-centenario da morte de Vieira, será resada na Sé, ao meio-dia, uma missa, em seguida á qual se procederá á benção e inauguração da lapide commemorativa, usando da palavra o snr. conselheiro Thomaz Ribeiro, em nome da commissão; o rev.^o conejo Senna Freitas em nome do clero; e provavelmente um representante da Academia.

Dia 19 — Será resada igualmente uma missa suffragando a alma de Vieira. Ao meia dia *Te-Deum* solemne, na igreja, com assistencia de Suas Magestades Officiará Sua Em.^a o Sr. Cardeal Patriarcha. O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo d'Evora pronunciará o elogio historico de Vieira.

Dia 20 — A' uma hora da tarde, inauguração da exposição bibliographica organizada pela inspecção geral das bibliothecas, no edificio da Bibliotheca Nacional.

Pela commissão promotora são offerecidas á Inspecção das bibliothecas e á Academia das Sciencias lapides commemorativas para serem collocadas na Bibliotheca Nacional, e, no edificio da Academia.

Logo que esteja impresso será posto á venda o volume de *Trechos Selectos* de Vieira, com a sua biographia, retrato e um autographo.

Offerta de um premio *Antonio Vieira* de 20:000 réis a cada um dos seminaristas diocesanos, e ao collegio do Sernache de Bomjardim, para ser dado ao alumno, que concluir com mais distincção o curso theologico, e que revelar maior vocação para o pulpito.

Offerta de equal premio ao Curso Superior de Lettras, destinado ao alumno mais distincto da cadeira de litteratura portugueza, e aos Institutos Commerciaes de Lisboa e Porto, para o que concluir com mais distincção o curso do commercio.

Estes premios sahirão do producto liquido da venda dos *Trechos Selectos*. O remanescente será applicado a subsidiar a publicação da 2.^a edição d'este livro.

As conferencias serão publicas, e realizar-se-hão, salvo aviso em contrario, na sala *Algarve* da Sociedade de Geographia pelas 8 horas e meia da noite.

A comissão teve que proceder com toda a coragem para levar a cabo a realisação do centenario. A indifferença do uns e a má vontade de outros obstaram em parte a que se fizesse tudo como estava resolvido. Foi-lhes negada a sala da Sociedade de Geographia, a do Athencu Commercial, e a da Camara para as conferencias. A imprensa censurou merecidamente o proceder bem pouco patriótico e até descortez d'aquellas corporações. Se Vieira não fosse padre e ainda mais, religioso, estamos certos que tanto a Sociedade de Geographia, como o Athencu e a Camara franqueariam as suas casas; mas como hoje está em moda uma certa aversão ao clero, nem Vieira pode merecer as honras de quem é benemerito da patria.

Ainda assim a commemoração tal qual se pôde fazer ha de produzir os seus fructos.

A conferencia do Rev.^o Senna Freitas, foi muitissimo apreciada.

Da *Nação* cortamos os seguintes periodos acêrca do brilhante discurso:

«Um estudo completo e magistral.

Senna Freitas, em linguagem finamente burilada fez vêr nitidamente a importancia da obra de Vieira. O grande portuguez não foi um talento, não foi uma aptidão, mas muitas aptidões; não foi só uma vida, foi uma epocha. O grande seculo XVII, que tantos talentos viu nascer, teve em Vieira um dos seus homens mais illustres. Ao passo que nos outros paizes, na França, na Italia, e na Inglaterra, floresciam talentos como Bossuet, Galileu e Shakespeare, em Portugal havia um só homem de merito, de merecimento real, que bastou para egualar o seu paiz aos outros paizes. Foi esse homem o Padre Antonio Vieira, o grande, o insigne Padre Antonio Vieira.

Mostrou depois o que foi como missionario o grande portuguez, as inclemencias e miserias que elle supportou, resignada e voluntariamente internado nos sertões da Bahia soffrendo as intemperies de um clima insupportavelmente inhospito. N'este ponto, um dos mais interessantes da conferencia, o orador disse-nos o que é a vida n'aquellas terras, onde tambem já permaneceu por espaço de dez annos de experiencia propria pôde dizer o que alli se passa.

Tratou depois de Vieira como politico, accentuando a disposição que elle tinha para a politica, o que já fez dizer a um seu biographo que, se Vieira se dedicasse á carreira, daria por certo um Mazarino ou um Richelieu. Fez vêr qual foi a sua missão diplomatica, e a confiança que n'elle depositava a monarchia, e a sua constante preocupação de bem servir o paiz.

Como elle, orador, não quer lisongear Vieira mas fazer d'elle um estudo tão completo, e verdadeiro quanto possivel, dirá que, como orador, lhe encontra defeitos e senões. No emtanto, elle não podia fugir á tendencia da epocha; o gongorismo estava em moda, e o padre Vieira pagou o seu tributo ao gongorismo.

Apesar d'isso foi um grande orador, um dos grandes oradores do mundo, e o maior orador do paiz. Se como orador de todos os tempos teve defeitos, como orador do seu tempo foi o primeiro, o mais notavel e illustre. Como escriptor e mestre da lingua não ha restricções a fazer. E' realmente o mestre dos mestres da lingua. Os seus sermões e as suas cartas são monumentos valiosissimos de litteratura portugueza. Quem seguir bem o padre Vieira nos seus escriptos não receia mal; escreverá sempre o melhor e mais puro portuguez.

Tem-se querido accusal-o de excessivamente minucioso. Mas — e aqui outra eloquentissima passagem — é preciso estudar todos os seus defeitos, e com todas as suas qualidades, porque, nos grandes homens os defeitos são o fóro das boas qualidades. Se elle não fôra excessivamente minucioso, não teriamos aquellas admiraveis discripções de *Estatuario*, dos *Peixes voadores*, da *Guerra*, do *Não*, e de tantas outras preciosidades. Como Victor Hugo, que não nos daria, se não padecera do mesmo mal, aquellas bellissimas paginas do *Canhão* e do *Polvo*. Em Vieira é impossivel encontrar-se um erro de grammatica, um solecismo, ou um barbarismo. Todas as pesquisas n'este sentido têm sido inuteis até hoje.

E' pois mais do que justo o centenario, o pagamento da grande divida nacional em aberto. Se depois dos seus esforços, para fazer a imparcial biographia de Vieira, não forem todos os que o escutavam ao templo, a render graças a Deus por nos dar tamanha gloria, então, então é certo que estamos no reinado do suobismo; e será razão para desanimar.

O final da conferencia foi magistral, superior, soberbo, arrebatador, enthusiasmando em alto grau a assembleia, que se electrivava agitada por tamanha eloquencia. Quando a magnifica peça litteraria fôr publicada, os leitores dirão se são exageradas as nossas palavras. O notabilissimo conferente concluiu assim, depois de se referir espirituosamente ao *nephelebatismo* e *kikirismo*:

— E se acharem o padre Vieira antigo, archaico, fossil, deem-lhe um outro nome; chamem-lhe o *Padre Neuronos*.

Uma estrondosissima salva de palmas, que durou alguns segundos, acolheu as ultimas palavras do eloquentissimo orador cuja conferencia foi um verdadeiro acontecimento litterario, e o melhor e mais persuasivo argumento a favor do centenario.

As duas brilhantes conferencias do snr. Fernandes de Souza confirmaram mais ainda os creditos do vigoroso escriptor catholico do *Correio Nacional*. A memoria do Padre Vieira ficou bem defendida da accusação de antipatriota, que calunniosamente lhe imputavam.

No dia 18 cumpriu-se exactamente o programma. Depois da missa o Cabido veio proccionalmente de cruz á frente até ao atrio do templo, aonde se procedeu á benção da lapide, finda a qual tomou a palavra o snr. Thomaz Ribeiro, que agradeceu as honras da presidencia, triu ando as suas homenagens ao Padre Vieira. O Snr. Bispo-Conde pronunciou tambem algumas palavras cheias de patriotismo; seguidamente fez um bello discurso o Snr. Conego Senna Freitas.

O *Té-Deum* do dia 19 esteve concorridissimo. Officiou Sua Em.^a o Snr. Cardeal Patriarcha. O Snr. Arcebispo d'Evora fez o elogio historico de Vieira.

A *Nação* dá um extracto desenvolvido d'este bellissimo discurso. Não podemos furta-nos ao desejo de transcrever aqui com a devida venia alguns periodos:

«A egregia personalidade de Vieira teve por moldura uma epocha muito interessante e muito agitada da nossa historia, epocha de dôr e de esperanza, de ignominia e de anciedade. A decadencia politica estava na razão directa do abatimento da litteratura, que é um thermometro infallivel. O seculo XVII, pobre,

miseravel, sapharo, salvou-se apenas entre nós por tres homens eminentes, que foram tres glorias do clero: Fr. Luiz de Souza, o suavissimo estylista, Jacintho Freire de Andrade, o notavel historiador, e Antonio Vieira de quem fallamos hoje. Se Luiz de Souza tinha as delicadezas de Raphael e Freire de Andrade o colorido de Rubens, Vieira pôde bem comparar-se a Miguel Angelo.

Raras vezes se fundem n'um só homem predicações como os que possuia o grande sacerdote. Orador primacial que avassallava e seduzia, esbelto, fronte altiva e pura, aprumo nobre, tinha o ar magestoso de quem sabe dominar, conquistar, vencer. Espirito culminante, intelligencia vasta e malleavel, memoria prompta, engenho primoroso, sciencia profunda, actividade excepcional, talento raro e sublime, abordava as questões, e em todas as materias se distinguia e impunha, imprimindo-lhes a nota dominante da clareza e da logica.

Contemporaneo de Bossuet foi seu digno competitor. E não é elle, orador, quem tem a iniciativa da affirmação. Deve-se ella a um escriptor francez, que fez o paralelo entre os dois gigantes da tribuna sagrada, paralelo adequado e justo. Não o cega o patriotismo a ponto de dizer que Vieira foi superior a Bossuet; mas a justiça não consente que se diga que elle lhe foi inferior em coisa alguma.

Bossuet viveu em outro meio e d'isso se sentiu. Vieira era mais accidentado, mais pittoresco.

Bossuet era o mar magestoso; Vieira pôde melhor comparar-se a esse possante e caudaloso rio, o Amazonas, que tantas vezes ouviu o seu verbo inflamado. A sua palavra abundante e purissima, que espuma, espadana, corre, e vence todos os obstaculos, tem o colorido da vegetação luxuriante do seu Brazil muito amado».

Na solemnidade não se dignaram comparecer as magestades nem o *catholico* ministerio, á excepção do sr. Barros Gomes. Referindo-se á falta de comparecencia do rei, diziam as *Novidades* que o sr. Arcebispo deve ter sentido uma tentação vehemente de imitar a energia e audacia de Antonio Vieira em censurar as fraquezas e desvios dos grandes da terra. Deve ter-lhe acudido essa tentação ao verificar que não estavam presentes, n'aquella commemoração em honra d'um dos maiores homens que o paiz tem produzido, muitos dos que tinham estricta obrigação de assistir, e que se apressam sempre a prestar a homenagem das suas considerações, quando se trata d'um idolo das populações caprichosas, destinado a cair em rapido olvido.

— Quasi todos os jornaes catholicos publicaram numeros commemorativos, muitos publicaram o retrato do incomparavel escriptor, até mesmo o *Seculo*.

Emfim foi uma commemoração digna, embora modesta.

Centenario na India — Passou no dia 8 do corrente o 4.º centenario da partida de Vasco da Gama para a India. Em diversos pontos do paiz foi esta gloriosa data muito festejada.

Em Lisboa, ás 10 da manhã, houve missa no templo dos Jeronymos; ás 11 solemne *Té-Deum* a grande instrumental, findo o qual pronunciou um discurso apropriado o rev.º conego José Gonçalves.

O *Instituto 19 de Setembro* mandou tambem celebrar uma missa em S. Domingos pelo sr. Bispo de Himeria.

Na Sociedade de Geographia houve sessão solemne, sendo inaugurada a nova séde da Sociedade com assistencias de suas magestades.

As eleições nas egrejas — Na camara dos pares o sr. Hintze Ribeiro e Conde de Thomar, referindo-se aos escandalos que se deram na Sé de Braga nas ultimas eleições, ficando a Sé interdita por ter havido derramamento de sangue e tendo-se procedido á cerimonia da reconciliação, o que nunca se fizera desde a invazão franceza, protestaram contra esses descaatos e pediram ao governo para que as eleições não fossem mais nos templos. O sr. Antonio Candido e bispo Conde tambem fallaram já no mesmo sentido.

E' tempo de acabarmos com isso d'uma vez e que no templo do Senhor não se repitam semelhantes profanações.

As eleições, a fazerem-se, já ha muito que se deviam fazer ou nos paços do concelho, ou na praça publica, como succede na Italia.

Nova cozinha economica — Foi no dia 15 do corrente a inauguração da nova cozinha economica, junto da Constrataria, á Ribeira Velha. E' dirigida, como as outras quatro, pelas boas Irmãs Hospitaleiras.

Peregrinação a Lourdes — Está definitivamente resolvida a peregrinação a Lourdes promovida pelo excellente diario portuense *A Palavra*.

«Dia da partida — Dia 16 de agosto no comboio que parte do Porto ás 7 horas e 23 minutos da manhã.

Passagem — A commissão obteve abatimento nas linhas do Minho e Douro para grupos de passageiros de 2.ª e 3.ª classe. Os de 1.ª classe não têm abatimento. Procura-se conseguir eguaes vantagens nas linhas estrangeiras, mas para isto é preciso saber com a possivel anticipação o numero total dos passageiros. A inscripção deve fechar-se no fim do mez. Para chegar a Lourdes, no fim da tarde é necessario tomar o expresso de Medina a Hendaya, e este só leva carruagens de 1.ª classe. Todavia, este será o comboio em que segue a peregrinação.

Demora — Dois dias para ida, 16 e 17; estada em Lourdes 8 dias; 2 dias para a volta.

Despezas — Não se pôdem desde já fixar, porque dependem em parte do numero de peregrinos, e parte das vantagens que possam obter-se nas linhas estrangeiras. Os ultimos calculos, com certa segurança dão os seguintes resultados: 1.ª classe 76:000 réis; 2.ª 65:000 réis; 3.ª 55:000 réis.

Prevenções 1.ª E' conveniente levar em moeda franceza 150 francos, e em moeda hespanhola 150 psetas. 2.ª E' conveniente que os sacerdotes vão munidos com as suas demissorias. 3.ª E' economico em tempo e dinheiro, para os passageiros do sul do paiz seguirem pela linha da Beira Alta a tempo de se encontrarem em Fuentes San Esteban com os peregrinos do norte. Sabido o dia e hora da partida do Porto, facil é obter de um horario internacional ou de uma estação dos caminhos de ferro os esclarecimentos necessarios para não haver desencontro».



VARIA

NOS NOSSOS DIAS



o primeiro de dezembro de 1895, em Ajuda, falleceu, no setimo dia da sua doença uma mimosa e encantadora creança com sete annos incompletos e que parecia ser forte e de boa compleição, sempre risonha e muito viva. Era affectuosissima para todos e muito folgava quando lhe davam uma estampa de Nossa Senhora, ou do Menino Jesus.

Mas muito em segredo dizia repetidas vezes a uma senhora que lhe era afeiçoada em extremo: «O que é ser anjo? eu não quero ser homem, quero ir para o céu ser anjo». E não havia razões que a demovessem d'esta vontade manifestada. Sem se esperar, sobreveiu-lhe uma meningite que a victimou. No dia em que falleceu, rezou com um sacerdote piedoso que a visitou uma Ave-Maria, erguendo ella as mãosinhas, sem que d'isso a avisassem, e repetidas vezes, depois até á sua ultima hora, assim o fez, olhando para uma imagem da Santa Virgem que lhe estava fronteira. E, pouco depois de ter apertado muito as mãos trémulas de uma boa velhinha a quem chamava sua avósinha e de se terem beijado, soltando um pequeno gemido, adormeceu placidamente no Senhor.

Podendo-se piedosamente crêr que o Nosso Bom Deus quizera fazer a vontade ao innocentinho, levando-o para si n'aquella idade e bôa disposição. Quiz um seu devotadissimo amigo engrinaldar-lhe o retrato com as seguintes coplas, feitas ao correr da penna pelo mavioso poeta, verdadeiro campo santo de virtudes, de sentimentos, de saber e de poesia a quem contou o facto, o Ex.^{mo} P.^e Joaquim José d'Abreu Campo Santo, actual Provincial da benemerita Companhia de Jesus em Portugal:

*Saudades me consomem;
Mau grado o meu sorriso,
Na terra me confrango.
Não quero cá ser homem,
Com Deus no paraizo
Quizera antes ser anjo.*

*Bons Paes, a mal não tomem!
Co'os olhos terra vejo,
Com a alma os ceos abranjo.
Não quero cá ser homem
E cresce-me o desejo
D'ir já no céu ser anjo.*

*«Seu anjo os anjos tomem»
Diz, dando-me seu beijo
Na frente, um lindo Archanjo.
Julio não será homem.
Cumprido está o desejo:
Adeus, que vou ser anjo.*

C. S.

D'este piedoso successo e d'estas tocantes coplas me accordei, quando li a transcripção da Lenda de Santo Antonio da Mattinha, na revista de junho. Ambos os innocentes se alaram para o thrôno do Divino Amor, segundo os fervorosos anhelos

dos seus angelicos e purissimos corações e ambos tiveram a dita de acharem em dois piedosissimos e sapientissimos Jesuitas quem lhes emmoldurasse o estro de tão enternecedor e meigo feito infantil e angelico.

Em memoria do anjinho Julio Gaspar da Purificação Ferreira e de seu excelso cantor não obterá ahi um cantinho este humilde artigo?

Lisboa, julho de 1897.

P. da S.

Tristes consequencias — Fazia certo socialista operario, em uma taberna, alarde de suas ideias impias e subversivas e dizia: «Abaixo os gendarmes; abaixo os padres! Quando casei com minha mulher empenhava-se ella em ir á missa e guardar abstinencia ás sextas-feiras; mas em breve conseguí que se deixasse de tudo isso».

Quando ao depois este operario voltou a sua casa encontrou lá quatro cadáveres: o de sua mulher e de seus tres filhos e sobre a mesa um pedaço de papel com o seguinte:

«Emquanto cri em Deus tive forças para suportar a miseria; mas agora que meu marido me fez incredula não quero que meus filhos nem eu sofframos mais e vou com elles para a eternidade».

Os infelizes haviam-se todos asphixiado.

A maior parte das vezes estas ideias impias e anti-sociaes que estonteam tantas cabeças, mormente na classe operaria e menos illustrada, são bebidas e sugadas nas leituras de jornaes e escriptos deleterios.

Não vac muito que em Pariz um rapasola de 15 annos, porque se dava de continuo á leitura de romances que lhe pintavam scenas sangrentas, assassinou seu proprio pae, porque o achava pouco bulhento.

Só sonhava com sangue. Na rua a todos provocava; nos cafés, em vez de pagar, brigava com os creados; em casa, batia em sua mãe, em seu irmão e irmã. Eram-lhe companheiras inseparaveis uma navalha de mola e uma clava para extripar e pulverisar seus inimigos».

Eis as tristes e funestas consequencias da irreligião. Seja isto aviso aos paes e mães de familia.

Mais um aviso a todos:

Em França, perto de Vitri le François, havia um atheu comprado uma propriedade onde mandou levantar uma vivenda.

Havia lá uma cruz, e em odio á religião mandou derribal-a servindo-se das pedras do pedestal para o chiqueiro dos animaes immundos.

Quando a obra terminava foi o profanador assaltado d'uma enfermidade desconhecida, singular, inexplicavel que o condemnou no resto de seus dias a tormento confínuo simultaneo de dôres e de raiva, a uma roda viva do leito para a cadeira e d'esta para aquella.

Toda a sua fortuna se evaporou quasi n'um abrir e fechar d'olhos e da bella vivenda de Granges não ficou pedra sobre pedra. Depois de tudo vendido em hasta publica, tudo foi demolido e disperso aos quatro ventos.

A divina justiça carregou sobre elle a vara do seu castigo.



Editor responsavel: Domingos José de Souza Gomes — Braga.

Typ. de J. M. de Souza Cruz — Braga.

uma cara parecida com a d'aquelles de quem se diz que todo o mundo é seu.

Bem haja *Procopio*, que tão bem e com tanta graça sabe esmagar as todas calumnias e alvares mentirolos dos amigos da *Luz*.

E, já que estou com as mãos na massa, vá lá mais esta que não pôde passar sem correctivo. A tola da *Luz*, no seu ultimo numero, insulta S. Jorge com um desplante digno da maior compaixão para não dizer do mais exemplar castigo. Para o fazer mais a seu salvo, acoberta-se com a auctoridade de Camillo. Pobre Camillo! pagou bem caro as que fez. Com Deus e seus santos não se brinca; porque não é para isso que o céu concede o talento. O meu amigo sabe qual foi a morte de Camillo? O suicidio foi a sua ultima fraqueza e baixeza, que a não ha maior. E com a auctoridade de homens d'estes que argumenta a *Luz*, Deus perde a estes blasphemos o tenha compaixão do nosso pobre Portugal que tem de os aturar por sua grande desgraça.

— No asylo de S. João, em Lisboa, que, como o meu amigo deve saber, é obra genuinamente maçonica, houve festança rija, buzinada e apregoadada por toda a imprensa amigalbeta dos collegas de trolla e avental, musica, foguetes, e diz o *Correio Nacional*, arpia encarnada em toda a rua, reclamou nos jornaes, a *Vanguarda* transformada em logares selectos da fina flor das lojas, nada faltou. Em discursos não se falla; botou espiche o que ha de bom e melhor; mas tocas triangulares. Lá se disse que n'aquelle instituto se ensina a caridade sem ostentação e muitas outras cousas. A isto respondi logo o bom diario catholico, o *Correio Nacional*, e muito a proposito, que é este o lembra dos que, semelhantes aos phariseos do Evangelho, rufam nos tambores ás encruzilhadas, para que todos, zailbam que a maçonaria portugueza alberga 21 memmas. Olhe que já é objecto! Tanto barulho por causa de uma insignificancia afinal de contas. Faz lembrar a historia do monte, que depois de muitos berros deu á luz um ratinho. Os centenares e centenares de crianças que sustentam a caridade christã por posse Portugal fora, sem titota bulha, sempre são mais alguma cousa.

O ir. . . Alves Correia lá disse, e estampou depois no seu *Pais* que só no asylo de S. João é que se educava ás direitas e que as outras casas religiosas de educação para nada prestavam; o ir. . . Pinheiro de Mello referiu-se ás Irmas Hospitadeiras, pondo finalmente em pratica o conselho do papa. . . Voltairé creuti, que sempre fica alguma cousa; o ir. . . Joaquim Antonio de Oliveira foi lá por o ir. . . José Estevão nos cornos da lua, como ora de esperar; o ir. . . Martins Contreiras foi dizer que a maçonaria reivindicava a honra de proteger e amparar o asylo de S. João (registre lá na sua carteira); o ir. . . Ribeiro Gonçalves abriu os olhos aos papalvos, dizendo-lhes que não era S. João o festejado, era o solesticio do verão que festejavam outrora os pagãos com suas agapes e que celebram agora os maçons com suas orgias; o ir. . . Gomes da Silva foi o ultimo a espichar, e tão pathetica e uniuosa foi a falla do homem que no dizer do *Pais*, chegou a arrancar lagrimas ás ebrosas matronas que se sujeitaram a aturar ali maçada.

— Então ahí, em Palermo, os franc-maçons,

apesar de quererem sustentar-se, comprando os votos e corrompendo os eleitores, foram vencidos pelos catholicos? Assim é que é: todos midinhos em volta da propria bandeira é que se vence. Cá por estes sitios houve já menos união, porque já houve menos independencia; e porque já houve tambem menos desinteresse. Já se diz e faz o que ha uns vinte annos seria horroroso attentado contra a cacarejada liberdade: Pena é que imitos ainda *Querant quod sua sint et non quod Jesu Christi*.

— Segundo refere a *Independence Bretonne* o prefeito Loutaud, franc-maçon facanhudo, esteve Quinta e Sexta-Feira Santa em Roma. Noticia o mesmo jornal que houve lá reunião magna dos *grands bonets* da seita, sendo um dos fins principaes celebrar a morte de Nosso Senhor, enchendo o papo de toucinho de porco. Se todos forem como um que eu colheço, é porque eram capazes de papar um penal inteiro por cabeça, e não chegava. Faça ideia o meu amigo que grunhida não fariam as victimas, para satisfazer a glotoneria d'aquelles sunophitos.

— Os maçons francezes estão de boica. Imagine o meu amigo que toda a Franca em peso se ragozija com a sua gloriosissima libertadora, a Bemaventurada Joanna d'Arc. Os franc-maçons, por patriotismo já se vê, não a podem ver nem pintada sequer. E foi por isso que a loja *Les amis de la verité* vomitou os mais ignobes insultos contra a santa e heróica libertadora da Franca. Esperavam os tres pontinhos que se havia de tudo por de cocoras ao ouvirem o veredictum de Suas Ex.^{as}; mas val senão quando todos os jornaes independentes protestaram contra o nenhum patriotismo da seita. D'ahi a beica dos veneraveis pseudo-patriotas. D'estas estão elles a apanhar todos os dias; mas ficam sempre com a mesma desvergonha, e não se honressam feito a cousa mais natural do mundo. Que apontem elles um unico facto da Igreja Catholica, que possa desdourar o seu nome immaculado. Nem um sequer! E que a Igreja Catholica obra segundo os principios que cre e ensina; e, porque santissimos, tambem ella o é.

Os principios da maçonaria são irreligiosos, perversos, immoraes e antisociaes? é por isso que a maçonaria é tambem irreligiosa, perversa, immoral e antisocial. Ainda que o não tivessem declarado dezenas de vezes o Vigario de Christo, ahí estavam os factos a proclamar-o todos os dias, e contra factos não valem argumentos.

Fabula innocente

(IMITAÇÃO DO HESPAÑHOL)

Debaixo d'um céu puro e alegre, como uma consciencia tranquilla, entre uma paisagem luxuriante n'esse clima suave e acariciador, via-se seculos atraz uma magnifica casa de construcção firme e segura, de fachadas artisticas, toda ella tão rica, tão luxuosa, tão esbelta, que mais parecia erigida pelos anjos dos céos do que por mãos humanas.

O sol, invejoso de tanta grandeza, derramava alli os mais vivos e brilhantes raios da sua luz; a terra, orgulhosa de suster tão galharda estancia, ostentava por montes e valles, como para completar o fundo de

tão tidente quadro, toda a louçania das suas arvores, todo o luxo das suas flores mais perfumadas, e por noutes calidas de verão n'aquelle céu claro e transparente, brilhava tranquilla a lua, illuminando mysteriosa e docemente o sonho d'aquelle venturoso paiz.

Era a casa em questão, desde remotos tempos, moradia d'uma remota familia christã, honrada como poucas.

Moravam alli os nobres, aristocratas da virtude, que é a melhor das aristocracias.

Debaixo de um regimen patriarchal, pautado e suave, viviam homens e costumes com tamanha simplicidade que hoje em dia, ao contemplal-a, nos sentimos pasmados e aturridos.

N'aquelle paiz o dinheiro não era de papel, e por isso não voava tanto como nos tempos presentes, em que toda a gente corre esfallada atraz d'uma cedula de meio tostão.

Um dos mais sãos costumes d'aquelle tempo era o de comer somente substancias verdadeiramente alimentaveis, e não como em nossos dias em que muita gente ha que só come as rãs, outra muita que só de saliva se sustenta e muita outra que vive de desillusões, de dores e de desenganos.

Não havia então mais partidos que os partidos da pelota, nem se fallava n'outro direito, que no direito de trabalhar com honra, brio e paciencia.

O pão era frugal mas não tinha a mania de subir, como agora, que muitas vezes se colloca tão d'alto que nem todos lhe chegam.

E para não entrar em mais detalhes só lhes direi que mal vinha rompendo a manhã era simplesmente um gallo de variegadas plumas, gesto activo e nobre, que cantando e batendo as azas avisava as gentes de guerra que era chegada a hora do trabalho.

Em uma palavra: eram tão felizes, tão felizes os habitantes d'aquelle paiz que nem um mau jornal tinham para ler. . . Não quer isto dizer que todos os periodicos sejam maus.

Os jornaes são como os cogumellos que não se colhem bem, em vez de alimentar envenenam.

Uma unica phrase pintará melhor que todas as descripções, a felicidade e ventura que, como presente de virtudes, embalsamava aquelle nobre paiz. «Reina aqui a paz de Deus. E com a paz a ordem e a harmonia, que o é reflexo de admiravel concerto, que nos astros do firmamento pôz a sabia omnipotencia de Deus.

O Anjo da paz ondeava pelos ares a bandeira da fraternidade christã, e ricos e pobres juntavam as suas orações no templo santo deante de Deus, ante cuja soberana pessoa os unicos ricos são os virtuosos, os unicos desgraçados são os maus.

Porém um dia . . . vieram não sei de que parte do inferno, julgo que dos lados de França, uns quantos impios e mações para roubarem o dinheiro existente na antiga casa e deixar em seu logar uma collecção de petardos em figura de livres pensadores.

Lograram tornar-se amigos de alguns creados infieis, e uns e outros emprehenderam a lastimosa tarefa de arruinar os honrados habitantes d'aquelle venturoso paiz. E com palavras loucas e mentirosas, porém sonoras, encheram os desgraçados de vaidade e soberbia, e começou então uma guerra tão injusta quanto cruel e selvagem, contra tudo o que havia de mais sério e de mais honesto, de mais digno e de mais santo.

Outros creados, mais perversos ou talvez mais decididos, sahiram á rua, e possuídos da mais infame das ingratições, começaram de apedrejar e de salpicar

de lodo a fachada formosa e finalmente rendilhada do nobre palacio.

Atiraram os alicerces com diabolicas detonações como antes faziam minado as bases moraes com idéias explosivas e derruam-se os muros já fendidos pelos mesmos e cruéis habitantes que de certo não podiam viver em casa de tão alta origem e de tão santo nome; e se esta não veio abaixo com estrepido é que lá no mais alto haviam collocado em crás remotas uma cruz, e a cruz ergue-se sempre tão altiva sobre as cumiadas das montanhas como na profundidade dos sepulchros.

O anjo da paz, vestido de luto, chorou sobre as ruinas d'aquelle magestade cahida; e, voando, voando, subiu aos céos.

Desde então no estremo do horizonte divisava-se entre nuvens de cor sangrenta a bandeira da guerra, empunhada pelos traidores, e do outro lado, frente a frente, ergue-se altiva e esforçada, entre os clarões da aurora, sustentada pelos homens honrados que por cousa alguma do mundo voltarão costas á religião de seus paes e ás tradições da sua raça.

.....
Chegou-me aos ouvidos esta triste historia e compadeci-me d'aquelle desventurada familia.

Quiz saber os nomes de todos os que intervieram n'aquelle triste assumpto e só averigui o seguinte: Aquella casa antiga de tão illustre, nobre e honrada historia, de tradições tão christãs, altiva e generosa, valente e esforçada, gloriosa e invicta, solarengo, venda de almas grandes e immaculadas, de corações serenos como o mar e puros como o azul dos céos . . .

Era Portugal!

Aquella gente perversa, exploradora do pobre, egoista, invejosa, impia, é a maçonaria que cospe sobre a vontade popular que lança impostos e que rouba os cofres da nação.

E aquelle gallo outr'ora tão nobre e activo hoje tão miserando e depennado chama-se o povo portuguez.

Augusto de S. Boaventura.

AVISO

Attendendo aos desejos dos nossos assignantes mandamos imprimir o indice do 1.º e 2.º anno da *Voz de S. Antonio*, que distribuimos com o presente numero.

Se alguns dos mesmos assignantes ainda não possuir os referidos annos e os desejarem, tem abatimento de 25 00.

AO CLERO

A livraria J. J. de Mesquita Pimentel, rua de D. Pedro, Porto, informa o clero de que acaba de receber do estrangeiro, um grande sortido de todas as edições de livros liturgicos, taes como: *Missaes Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc., apparecidas este anno.

Encadernações variadissimas e preços commodos.

Caros leitores, Estão de certo à espera da correspondência que todos os mezes vosstaria trocar se entre o Chronista da Voz e o seu amigo, um português residente na Itália. Sinto muito não experimentáreis d'esta vez o inopetente prazer que vos causava a sua leitura; mas — a falta das circunstâncias — não podari ser d'outra sorte: o meu amigo, para desmesturar-se dos misérrimos mefitecos exultados das vossas pontificações, está agora veraneando lá por alguma d'essas estâncias deliciosas da bella Itália, aspirando o ar puro do campo, ou lavando a cabeça nas águas agridas das praias ausubias. Não vades perturbar o innocente repouso d'esta bella figura, no convívio intimo com os *amici*, que agora exultavam por essas deliciosas paragens.

Mas não podesamos tempo, ha uma questão d'alta importancia, que hoje se trata, e que se trata, finalmente a opinião publica em Portugal, e que é a questão momentosa, urgente, insdifferente, Chronista da Voz, sempre oitez delidendo e malheiro, cedeu de bom grado a se foga a um *sermão* que desceja ser o Chronista da Voz de Santa Maria para falar ao povo e fazer chegar sua mensagem nos illustres decurados da patria portugueza.

A questão de importancia epica, caros leitores: toda a vossa attenção e vossa, e de attendo: Falla um cidadão livre, *Chronista da Voz*.

Chronista da Voz

Portugal está a cair do abismo! A patria herozica do Antonio de Aguiar, do Estevão e Elias Garcia, e glorioso terrão que nos foi heron e onde huamos os patrióticos raios da vida, a sempre nobre, illustre e heroica nação portugueza tem seus dias contados! Todos vós o sabreis, cidadãos: é uma verdade quotidianamente affirmada e comprovada pelos orgaos mais importantes da imprensa portugueza, de todas as cores e matizes politicos: são os progressistas e regeneradores, os realistas e republicanos, os socialistas e clareiros de todos os feitios (he poezias!), todos o pregam unanimes *in hoc articulo* desculpas a phrase de Gira (nical).

Mas — não vades mais longe — cada um e conhece por experiencia propria, todos nos o vemos em nossa propria casa: as nossas batatas, as nossas aboboras, as nossas rinhas, tudo está tocado de molesia; é a palidez, o midiu, o mal branco, o mal vermelho, e a tudo! E nos mesmos cidadãos, quantos de nos tem sido assaltados da influenza, das cambraas, das sezoas, das febre, ?!

Uma voz mais, cidadãos! Estamos perdidos! nossos dias, estão contados! esta vida não pode, de modo algum, chegar a netos!

E, como se tudo isto não bastasse, eis que nos ameaça um novo perigo! É uma tempestade que paira sobre nos: se ella chega, a deseneadear-se, quem escapará com vida?

Já não é a questão dos alcócos, dos tabacos, dos phosphoros ou do asucar; não é a agricultura, o commercio ou a industria; não é o problema colonial ou financeiro. Homens livres! e osareis em sequer dizer-vos que o novo perigo que ameaça a arvore frondosa da liberdade? Ai

cidadãos! crizam-se, no os cabellos são pensar que sou jen o trista que tenho de annunciar vos o scandalo inaudito! Mas... e fadado! Não ha resistir no deserto...

Ora ouvi, cidadãos livres, ouvi e pasmao de horror:

Viva ser a adunidade — deixao me respirar — *vão ser adunidade* — no *Journal da Escritura para a tratam os decurados*, *Chronista da Voz*, quem *de quem?*... *Fus ser adunidade* e *Chronista da Escritura*...

Mas contende vossa justa ira, cidadãos, mesdoras por um pouco os manifestos da vossa indignação por tamanho attentado: repouza por um instante vossa colera; ha ainda um remedio que susse a grande estandade dos nos amados, não ha, e está na nossa mão.

Dos que? por ventura não serias vós o novo hyre? ... Si a tua nozta ha de vista a terra, possa xingado a tua mala lex, possa tu fazer o unico directo *Chronista da Voz* e *Chronista da Voz*...

Ela não, cidadãos portuguezos, as armas,

as honras, honraos livres!

As honras,

As honras,

Não se temo, com os serenos da policia, nem os curtos de *Chronista da Voz*, se acordados a patria *Chronista da Voz*, e *Chronista da Voz* nos mandos para que seja *Chronista da Voz* e *Chronista da Voz*...

Para que se a foga, proponho que seja *Chronista da Voz*, e *Chronista da Voz* a *Chronista da Voz*...

Sermão Deputado da Voz Portuguesa

Portugal é um pallar d'ambujia! Estamos comidos de ladroses que a breve trecho nos devorao a propria carnis da corpo. Bem e sabais vós, illustres magades, deo que a vos insumbe a defoza do terrão nacional! — que ha para isso a vós eiegorias, fadado vós, vós em obsequio aos amigos que nos matavam a fonte com cantharo e batatas, *Chronista da Voz* e *Chronista da Voz*...

Mas, se vós sois os *Chronista da Voz* e *Chronista da Voz*...

Já sabereis, senadores e pontissimos, que por todo o paiz se tem alustrado es a modanha prego do *Chronista da Voz*, os jesuitas são os nossos anjos maus; ella nos appareçam nas ruas, nas praças, nos bicos, nas enonzilhadas; elles vêm perturbar a paz do nosso lar domestico, e o socco da nossa vida campestre; osam arte, *Chronista da Voz* e *Chronista da Voz*...

Como vedes, o perigo é imminente: urge pôr-lhe remedio immediato. Os jesuitas — estão certos — são verdadeiros harpias da sociedade; são horrosos vampiros que sugam até a ultima pinga, o sangue puro e immaculado do corpo social!